

# Convergência

Junho • 2018 • ANO LIII

512

Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil - CRB  
ISSN 0010- 8162



**CRB**

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad  
Editor: Irmão Lauro Daros, fms  
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj  
Irmã Helena Teresinha Rech, sst  
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Jadelmir Viçório, sj  
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes  
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida  
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms  
Impressão: Gráfica e Editora Qualytã  
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 – Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540  
E-mail: [crb@cbnacional.org.br](mailto:crb@cbnacional.org.br)  
[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

# Sumário

## Editorial

CUIDAR DA FRAGILIDADE 5

## MENSAGEM DO PAPA

CUIDAR DA FRAGILIDADE 9

## MÁRTIRES/SANTOS

BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DA  
BEM-AVENTURADA BÁRBARA MAIX 13

## INFORMES

DOM AGENOR GIRARDI, MSC  
ALEGRIA E TERNURA DE DEUS 17

MISSIONÁRIAS DE JESUS CRUCIFICADO 21

## ARTIGOS

A SOBREVIVÊNCIA DA VIDA RELIGIOSA  
CONSAGRADA, ENQUANTO CARISMA  
ECLESIAL, NA ATUAL CONJUNTURA 27  
*Irmã Márian Ambrosio, idp*

RECUPERAR O FRESCOR ORIGINAL DO EVANGELHO 37  
*Francisco de Aquino Júnior*

OS DESAFIOS DA ANIMAÇÃO VOCACIONAL PARA A VRC 45  
*Irmão Márcio Henrique Ferreira da Costa, fms*

UMA MULHER RESILIENTE:  
MARIA DOMINGAS BRUN BARBANTINI 55  
*Irmã Marisa Inêz Mosená*

EVANGELIZAÇÃO NAS VILAS E FAVELAS 67  
*Dom Vicente de Paula Ferreira, C.Ss.R.*

VOCAÇÃO E MOTIVAÇÃO NA VIDA  
RELIGIOSA CONSAGRADA E PRESBITERAL 77  
*Pe. Elismar Alves dos Santos, C.Ss.R.*



## CUIDAR DA FRAGILIDADE

Papa Francisco nos chama a cuidar da fragilidade. “Pequenos, mas fortes no amor de Deus, como São Francisco de Assis, todos nós, cristãos, somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos”. 5 de junho é o Dia Mundial do Meio Ambiente. O Papa, ao se referir à fragilidade, inclui o conjunto da criação, ou seja, todas as formas de vida, das quais nós fazemos parte e das quais somos os guardiões.

Irmã Gentila Richetti nos apresenta a Bem-Aventurada Bárbara Maix, no bicentenário de nascimento. “A Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria celebra com profunda alegria o Ano Bicentenário do nascimento da Fundadora Madre Barbara Maix, que culmina com a Celebração Eucarística no Santuário Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, no dia 23 de junho de 2018”.

“Dom Agenor Girardi, MSC, Alegria e ternura de Deus”: com este título, Pe. Ângelo Perin homenageia o amigo Dom Agenor, que faleceu no dia 8 de fevereiro. Expressa o autor: “Morreu como viveu: na simplicidade, na confiança e esperança de que a Vida vence a força da morte; que a palavra final pertence a Deus. Ressuscitando Jesus Cristo, o crucificado, a morte é vencida pela Vida, ‘vida em plenitude’”.

Irmã Mercedes Lopes informa sobre os 90 anos da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. 90 anos a serviço da vida, com mansidão e alegria. Escreve a autora: “Data importante, que merece ser comemorada com ação de graças. É o amor misericordioso de Deus que nos permite continuar sendo uma presença missionária viva e simples, servidora e companheira, nos oito países onde estamos inseridas: Brasil, Bolívia, Equador, Paraguai, Angola, Moçambique, Quênia e Peru, apesar das nossas fragilidades e das dificuldades de cada lugar e

época. Ser presença nestes países é um sinal de fidelidade ao carisma congregacional, que desde o início teve como missão estar totalmente dedicada à evangelização e atenta à realidade dos empobrecidos”.

Irmã Márian Ambrosio, presidente da CRB Nacional nos triênios 2007 a 2010 e 2010 a 2013, brinda a VRC com o ótimo texto “A sobrevivência da Vida Religiosa Consagrada, enquanto carisma eclesial, na atual conjuntura”. A autora inicia assim o texto: “Os pés cresceram... e os sapatos não servem mais! Sobreviverão os pés? Ou sobreviverão os sapatos? Ou (que triste seria!), nenhum dos dois? Porque sempre se encontra uma boa solução: a) a quem servirão os sapatos que eu sempre pensei serem somente meus? b) se eu os guardar em um lugar seguro, será que algum dia eles ainda estarão adequados a alguém de outro tempo? c) e se eu simplesmente os jogar fora, estarei buscando um caminho justo diante de quem nada tem? d) e se, para não os perder, eu decidisse cortar os dedos dos meus próprios pés (ai que dor!!!), teria resolvido a questão?”

E agora, irmãs e irmãos!

Se formos usar de real sinceridade, podemos aplicar cada uma destas alternativas ao que estamos tentando fazer para sobreviver como Institutos de Vida Religiosa, na atual conjuntura”.

Pe. Francisco de Aquino escreve “Recuperar o Frescor Original do Evangelho” e dedica o texto ao bispo Pedro Casaldáliga, nos seus 90 anos, por sua fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo na fidelidade aos pobres da terra. Para o autor, “muitos membros e lideranças da Igreja padecem hoje de uma espécie de “depressão eclesial”, situação que vai desenvolvendo uma “psicologia do túmulo”. Afirma que “se quiser recuperar seu vigor e seu frescor originais, a Igreja tem de voltar às fontes: o encontro pessoal (não individualista ou intimista) com Jesus Cristo e a acolhida do Evangelho do reinado de Deus”.

Irmão Márcio Henrique traz “Os desafios da Animação Vocacional para a Vida Religiosa Consagrada”. Ele começa o texto dizendo que “realizar Animação Vocacional pressupõe um caminho de desafios, pois estamos lidando com uma ação cuja principal finalidade é contribuir para as opções que as pessoas buscam”. E conclui assim: “Creio, ainda, que os maiores desafios estão em renovar todos os dias o nosso encanto, o nosso brilho no olhar e testemunho, além da nossa paixão e seguimento de Jesus, que se torna coragem e profecia por meio de nossa vivência da própria vocação”.

Maria Domingas Brun Barbantini é um exemplo de mulher resiliente. A Irmã Marisa Inêz nos apresenta Maria Domingas e escreve que “através da vida de Maria Domingas, constatamos o quanto uma pessoa pode superar-se quando mantém viva a fé e uma espiritualidade encarnada. Nela tem-se um espelho positivo de uma vida pautada pelos referenciais da Bioética, que apontam para a transformação do sofrimento como maturação e recomeço de vida, evitando cair na depressão, fortalecida pela capacidade de resiliência: sofrimento assumido, confrontado e ressignificado na fé.”

Dom Vicente de Paula Ferreira, bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, coordenador do Vicariato Episcopal para Ação Missionária nas Vilas e Favelas, oferece o artigo “Evangelização nas Vidas e Favelas”. O autor nos lembra que “o Espírito Santo de Deus sempre transborda seu amor nas realidades limítrofes da vida humana. Toda a história da salvação comprova a dinâmica inusitada, surpreendente da ação salvífica divina entre os pobres”, pois os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e isso significa que a Igreja de Jesus deve assumir as periferias como lugar central de sua presença evangelizadora.

Por fim, Pe. Elismar fala sobre vocação e motivação, com o texto “Vocação e motivação na vida religiosa consagrada e presbiteral”. O autor explica: “o artigo objetiva mostrar que, no decorrer da existência de um/a religioso/a e de um presbítero, é importante refletir diariamente sobre o sentido da vocação e da motivação. Para discutir o tema proposto, o artigo percorre um itinerário pedagógico pautado em cinco tópicos. O primeiro, teologia da vocação, sublinha que é sempre aconselhável resgatar o significado da teologia ao que concerne à Vida Religiosa Consagrada (VRC) e Presbiteral. O segundo tópico, psicologia da vocação, discute acerca do sentido da psicologia na vida de um/a religioso/a e de um presbítero. O terceiro tópico, por sua vez, inconsistências psicológicas, mostra que as inconsistências são realidades humanas que nem sempre estão de acordo com os valores vocacionais. Já o quarto tópico, psicologia da motivação, procura saber o que a psicologia ensina sobre motivação. E, por último, o quinto tópico, teologia da motivação, explica que a VRC e Presbiteral precisam estar ancoradas ao menos em dois fundamentos bíblico-teológicos: “prisioneiros no Senhor” (Ef 4, 1-5) e “permanecer em Cristo” (Jo 15, 4-10; 1Jo 3, 24).”

*Irmão Lauro Daros, marista*





## CUIDAR DA FRAGILIDADE EVANGELII GAUDIUM (PAPA FRANCISCO)

FONTE: [HTTP://W2.VATICAN.VA/CONTENT/VATICAN/PT.HTML](http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html)

209. Jesus, o evangelizador por excelência e o Evangelho em pessoa, identificou-Se especialmente com os mais pequeninos (cf. Mt 25, 40). Isto recorda-nos, a todos os cristãos, que somos chamados a cuidar dos mais frágeis da Terra. Mas, no modelo “do êxito” e “individualista” em vigor, parece que não faz sentido investir para que os lentos, fracos ou menos dotados possam também singrar na vida.

210. Embora aparentemente não nos traga benefícios tangíveis e imediatos, é indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor: os sem abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados, etc. Os migrantes representam um desafio especial para mim, por ser Pastor duma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos. Por isso, exorto os países a uma abertura generosa, que, em vez de temer a destruição da identidade local, seja capaz de criar novas sínteses culturais. Como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integram os que são diferentes, fazendo desta integração um novo fator de progresso! Como são encantadoras as cidades que, já no seu projeto arquitetônico, estão cheias de espaços que unem, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro!

211. Sempre me angustiou a situação das pessoas que são objeto das diferentes formas de tráfico. Quem dera que se ouvisse o grito de Deus, perguntando a todos nós: “Onde está o teu irmão?” (Gn 4, 9).

Onde está o teu irmão escravo? Onde está o irmão que estás matando cada dia na pequena fábrica clandestina, na rede da prostituição, nas crianças usadas para a mendicância, naquele que tem de trabalhar às escondidas porque não foi regularizado? Não nos façamos de distraídos! Há muita cumplicidade... A pergunta é para todos! Nas nossas cidades, está instalado este crime mafioso e aberrante, e muitos têm as mãos cheias de sangue devido a uma cômoda e muda cumplicidade.

212. Duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos. E, todavia, também entre elas encontramos continuamente os mais admiráveis gestos de heroísmo quotidiano na defesa e cuidado da fragilidade das suas famílias.

213. Entre estes seres frágeis, de que a Igreja quer cuidar com predileção, estão também os nascituros, os mais inermes e inocentes de todos, a quem hoje se quer negar a dignidade humana para poder fazer deles o que apetece, tirando-lhes a vida e promovendo legislações para que ninguém o possa impedir. Muitas vezes, para ridiculizar jocosamente a defesa que a Igreja faz da vida dos nascituros, procura-se apresentar a sua posição como ideológica, obscurantista e conservadora; e no entanto esta defesa da vida nascente está intimamente ligada à defesa de qualquer direito humano. Supõe a convicção de que um ser humano é sempre sagrado e inviolável, em qualquer situação e em cada etapa do seu desenvolvimento. É fim em si mesmo, e nunca um meio para resolver outras dificuldades. Se cai esta convicção, não restam fundamentos sólidos e permanentes para a defesa dos direitos humanos, que ficariam sempre sujeitos às conveniências contingentes dos poderosos de turno. Por si só a razão é suficiente para se reconhecer o valor inviolável de qualquer vida humana, mas, se a olhamos também a partir da fé, “toda a violação da dignidade pessoal do ser humano clama por vingança junto de Deus e torna-se ofensa ao Criador do homem”.

214. E precisamente porque é uma questão que mexe com a coerência interna da nossa mensagem sobre o valor da pessoa humana, não se deve esperar que a Igreja altere a sua posição sobre esta questão. A propósito, quero ser completamente honesto. Este não é um assunto sujeito a supostas reformas ou “modernizações”. Não é opção progressista pretender resolver os problemas, eliminando uma vida humana. Mas é verdade também que temos feito pouco para acompanhar adequadamente as mulheres que estão em situações muito duras, nas quais o aborto lhes aparece como uma solução rápida para as suas profundas

angústias, particularmente quando a vida que cresce nelas surgiu como resultado duma violência ou num contexto de extrema pobreza. Quem pode deixar de compreender estas situações de tamanho sofrimento?

215. Há outros seres frágeis e indefesos, que muitas vezes ficam à mercê dos interesses econômicos ou dum uso indiscriminado. Refiro-me ao conjunto da criação. Nós, os seres humanos, não somos meramente beneficiários, mas guardiões das outras criaturas. Pela nossa realidade corpórea, Deus uniu-nos tão estreitamente ao mundo que nos rodeia, que a desertificação do solo é como uma doença para cada um, e podemos lamentar a extinção de uma espécie como se fosse uma mutilação. Não deixemos que, à nossa passagem, fiquem sinais de destruição e de morte que afetem a nossa vida e a das gerações futuras. Neste sentido, faço meu o expressivo e profético lamento que, já há vários anos, formularam os Bispos das Filipinas: “Uma incrível variedade de insetos vivia no bosque; e estavam ocupados com todo o tipo de tarefas. (...) Os pássaros voavam pelo ar, as suas penas brilhantes e os seus variados gorjeios acrescentavam cor e melodia ao verde dos bosques. (...) Deus quis que esta terra fosse para nós, suas criaturas especiais, mas não para a podermos destruir ou transformar num baldio. (...) Depois de uma única noite de chuva, observa os rios de castanho-chocolate da tua localidade e lembra-te que estão arrastando o sangue vivo da terra para o mar. (...) Como poderão os peixes nadar em esgotos como o rio Pasig e muitos outros rios que poluímos? Quem transformou o maravilhoso mundo marinho em cemitérios subaquáticos despojados de vida e de cor?”

216. Pequenos, mas fortes no amor de Deus, como São Francisco de Assis, todos nós, cristãos, somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos.



## BICENTENARIO DO NASCIMENTO DA BEM-AVENTURADA BARBARA MAIX

IR. GENTILA RICHETTI, POSTULADORA

Bárbara Maix, filha caçula de numerosa família, nasceu em Viena, Áustria, em 27 de junho de 1818. Foi batizada no mesmo dia.

A Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria celebra com profunda alegria o Ano Bicentenário do nascimento da Fundadora Madre Barbara Maix, que culmina com a Celebração Eucarística no Santuário Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, no dia 23 de junho de 2018.

Os pais de Bárbara, José Maix e Rosália Mauritz, proporcionaram-lhe um lar solidamente edificado na fé cristã, na coragem e no espírito de luta pela vida, na firme confiança em Deus e no amor generoso ao próximo.

O Sr. José Maix era camareiro do Imperador no palácio de Schönbrunn, mas seu salário precário era insuficiente para o sustento da família. A desnutrição e doenças ocasionaram a morte de vários filhos, ainda na infância.

Bárbara ficou órfã de pai e mãe aos 15 anos. Com suas irmãs, teve de sair da casa em que moravam, porque ela se destinava aos funcionários do Palácio.

Enfrentando a vida praticamente sozinha, fez curso de modista, habilitando-se a ensinar corte e costura, bordado e artes femininas. Durante sua preparação profissional, foi externando às suas colegas o apelo que Deus lhe havia feito: “Bárbara, funda a Congregação de Minha Mãe”. Assim, começaram a se agregar a ela as primeiras companheiras.

Mas, nessa época, elas não podiam contar com a aprovação da Igreja nem do Império Austríaco para concretizar a nova fundação com que sonhavam. Em seu discernimento a respeito da Vontade de Deus, encontraram no seu diretor espiritual, Padre João Nepomuceno Pöckl, redentorista, o apoio que a Providência divina lhes enviava.

No dia 8 de maio de 1843, Bárbara e as primeiras congregadas reuniram-se em comunidade, consagrando-se a Deus e ao serviço do próximo.

Inspirando-se no espírito e vida missionária dos primeiros cristãos, dedicavam-se solidariamente aos pobres, sobretudo jovens empregadas e desempregadas, em Viena. Para abrigá-las e ajudá-las a se prepararem para assumir suas vidas com autonomia, fundaram um pensionato, ainda nesse mesmo ano de 1843.

Em 1848 explodiu a revolução liberal em Viena, perseguindo a Igreja, ordens e associações religiosas. Bárbara e suas companheiras foram obrigadas a abandonar sua pensão.

Fiel ao chamado de Deus, Bárbara e 21 companheiras projetaram deixar sua pátria e ir para a América do Norte. Após longa espera, em Hamburgo, sem que aportasse um navio para a América do Norte, chegou ao porto um barco cargueiro a caminho do Brasil. Entendendo ser esta a Vontade de Deus, decidiram partir para esse novo destino. Acompanharam-nas o Pe. Pöckl e dois jovens da família Hamberger.

Após 52 dias de viagem, chegaram ao Rio de Janeiro no dia 9 de novembro, “... sem dinheiro, sem conhecimento de ninguém, sem saber a língua, com muita fome, mas cheias de confiança em Deus e em Nossa Senhora”, conforme escreveu Isabel, uma das congregadas. A pedido de Dom Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, Bispo do Rio de Janeiro, foram acolhidas pelas Irmãs Concepcionistas do Convento de Nossa Senhora da Ajuda, onde permaneceram por seis meses.

No dia 8 de maio de 1849 receberam o hábito e emitiram os votos religiosos, ficando ereta, juridicamente, a Congregação do Sagrado Coração de Maria, com 22 Irmãs. Bárbara Maix recebeu o nome religioso de Madre Maria Bárbara da Santíssima Trindade.

Nesta época, a Igreja no Brasil vivia em meio a hostilidades, que recaíram também sobre o projeto de Bárbara. Ela teve que iniciar uma longa e dura peregrinação para manter-se fiel ao espírito e à missão da Congregação. Seu empenho pelo “Reino de Deus e sua justiça” lhe foi exigindo a vivência de “todas as virtudes no mais alto grau”.

As epidemias do cólera e febre amarela, a pobreza, a guerra do Brasil com o Paraguai geraram muitos sofrimentos, doenças e orfandades no Brasil. A educação carecia de professores habilitados. Madre Bárbara foi recebendo um pedido após outro, para encarregar-se da direção de Asilos-Escola: Asilo Santa Leopoldina de Niterói, RJ (1854); Asilo Nossa Senhora da Conceição, em Pelotas, RS (1855); Asilo Santa Leopoldina, em Porto Alegre, RS (1857). Nessa cidade, Bárbara se dedicou por 14 anos à educação de crianças, que recebia da Repartição dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia e “meninas órfãs e desvalidas.” Em Porto Alegre, fundou o Colégio Coração de Maria (1860) e dirigiu o Asilo Providência (1863).

Madre Bárbara teve que lutar contra inúmeras dificuldades e desafios para realizar sua missão. Sofreu incompreensões, calúnias, difamações..., também por membros da sua Congregação e da Igreja. Em dezembro de 1870, após a visita pastoral, ela foi despedida de Porto Alegre. Mas, sempre fiel ao Projeto de Deus, partiu para Petrópolis, assumindo, em seguida, a direção da Escola Doméstica Nossa Senhora do Amparo, destinada à educação de órfãos e filhos de escravos.

Durante toda a sua vida afirmou: “A SS. Trindade iniciou a Obra da Fundação e há de completá-la” para Sua Glória e honra do Coração de Maria. Recomendou às Irmãs que perseverassem na confiança em Deus, na fé, esperança e amor até o fim: “Deus não permitirá que sejamos iludidas em nossa confiança... Ânimo, minhas filhas, quem perseverar no bem até o fim alcançará vitória! Conservai vossas lâmpadas acesas”.

Na Quinta-Feira Santa de 1872, esteve à beira da morte e recebeu a Unção dos Enfermos. Também nessa hora continuou rezando pela Congregação e pela Igreja: “Dá-me minhas filhas assim como Tu queres que sejam... dá-me a paz da Igreja e a nossa!”.

No dia 9 de maio, ainda convalescendo, escreveu seu Testamento Espiritual, deixando à Congregação, como herança, o exemplo de perdoar sempre com todo gosto e consolo do coração e o amor à verdade.

Por causa de fortes contradições entre os posicionamentos de Bárbara, decorrentes da sua missão, e o pensamento liberal, deixou Petrópolis, hospedando-se, com quatro Irmãs, na casa da Sra. Ana Rodrigues, no Catumbi, Rio de Janeiro.

No dia 17 de março de 1873, após ter participado da missa na Igreja São Francisco de Paula, sentiu-se mal, vindo a falecer aos 54 anos de idade. Deixou a todos o seu testemunho de fé inabalável, esperança admirável e caridade eucarística.

Devido à fama de santidade que acompanhou Bárbara durante a vida e permaneceu após a sua morte, e às graças alcançadas por seu intermédio, o papa João Paulo II permitiu a abertura da Causa de Canonização de Madre Maria Bárbara da SS. Trindade - Bárbara Maix, em 02 de fevereiro de 1993 – Dia da Apresentação do Senhor.

O papa Bento XVI aprovou os Decretos: sobre suas Virtudes heróicas, em 03 de julho de 2008 e sobre o Milagre, em 27 de março de 2010. Proclamou-a Bem-Aventurada no dia 06 de novembro de 2010.

O solene Rito de Beatificação foi celebrado no Gigantinho, em Porto Alegre. Coube ao Arcebispo Dom Dadeus Grings presidir a celebração, como Delegado do Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, Card. Ângelo Amato. A Carta Apostólica foi lida pelo então Núncio Apostólico no Brasil, Dom Lorenzo Baldisseri.

Os restos mortais de Madre Bárbara Maix são conservados no Santuário São Rafael, constantemente freqüentado, em Porto Alegre, à Rua Riachuelo, 508.

Nossa prece constante pela sua glorificação.



## DOM AGENOR GIRARDI - MSC, ALEGRIA E TERNURA DE DEUS

PE. ÂNGELO PERIN, MS

Nesta madrugada (8 de fevereiro de 2018) recebi a notícia do falecimento de Dom Agenor. Meu primeiro sentimento foi de gratidão. Em meu ser mais profundo, brotou espontaneamente uma prece: “obrigado, Senhor, pelo presente que destes à Igreja na pessoa de Dom Agenor, anunciador da alegria e profeta da ternura numa sociedade marcada por tanto ódio, tristeza, violência e indiferença face à humanidade sofrida e machucada”. Em seguida, veio-me um apelo: escreva algo sobre a vida abnegada deste religioso, sacerdote e bispo. Pensei: eu não posso me furtar de dizer algo sobre este amigo e irmão.

Conheci Dom Agenor quando seminarista dos Missionários do Sagrado Coração, em Francisco Beltrão, PR, no ano de 1972. Tive a graça de conviver por quase dez anos com os assim chamados “Padres Belgas”. Desde a década dos anos cinquenta, chegaram à região do Sudoeste do Paraná, vindos da Bélgica. Vivendo em condições precárias, palmilhando estradas cheias de pó ou de lama, foram, pela vida doada, testemunho e profecia, anunciadores da Boa Nova do Reino de Deus nesta região do Paraná, marcada por conflitos agrários, particularmente da ocupação e titulação das terras; região colonizada sobretudo por gaúchos e catarinenses. Convêm ainda salientar que foram, sobretudo, os “Padres Belgas” (Missionários do Sagrado Coração) que trouxeram o espírito inovador do Concílio Vaticano II. É neste contexto que nasce e cresce a vocação do jovem Agenor Gerardi.

## Alegria e prontidão

Creio que estas duas palavras definem o jovem Agenor como vocacionado e seminarista. Pessoa alegre e comunicativa. Sempre disponível. Raramente eu ouvi um “não” da parte deste jovem. Tive a oportunidade de conviver mais de perto com Agenor, quando fez seu ano de estágio pastoral. Moramos juntos na companhia do Pe. José Caekelbergh, MSC, e de alguns leigos liberados para o serviço pastoral de animação das comunidades eclesiais de base, da pastoral catequética, bíblica, cursos de lideranças e na assessoria de associações de agricultores, de sindicatos rurais, à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja. O seminarista Agenor foi, neste período, uma presença discreta e suave, irradiadora de alegria e disponibilidade. Pessoa leve e discreta; de fácil convivência. Era alguém que irradiava humanidade e dignidade na acolhida às pessoas, particularmente aos agricultores, muitas vezes malvistas e desprezados pela sociedade vigente.

## A serviço da Vida Religiosa Consagrada

Voltei a conviver mais de perto com Pe. Agenor, quase vinte anos depois, na CRB Nacional, quando assumiu, junto com uma Irmã religiosa, a coordenação do CETESP, programa de espiritualidade e formação, voltado especialmente para a capacitação dos formadores e lideranças da VRC. Permaneceu neste ministério por mais de seis anos, residindo no Rio de Janeiro. Todos os anos nos encontrávamos, pois eu era um dos professores ou ajudava na orientação do retiro de conclusão do curso. Pude reencontrar um Pe. Agenor mais amadurecido, irradiador de serenidade e bondade. Tratava a todos com igual dignidade. E, o mais significativo, transitava no meio dos cursistas como aquele “que servia”. Rememoro ainda hoje a imagem de um religioso simples, de relações humanizadoras. Pessoa orante e dotada de um grande senso de serviço. Não posso deixar de salientar seu jeito de ser, marcado pela alegria e esperança. Ele já testemunhava aquilo que o papa Francisco diria mais tarde: “Onde há um/a religioso/a, lá existe alegria”. Pe. Agenor sempre soube valorizar o lugar imprescindível da Vida Religiosa Consagrada na Igreja, não tanto pelo fazer, mas muito mais pelo testemunho de uma vida pobre, casta e obediente, anunciando o Evangelho das Bem-aventuranças.

## Pastor com “cheiro de ovelha”

Encontrei-me com Pe Agenor, alguns anos mais tarde. Fui convidado a orientar o retiro para a Província dos Missionários do Sagrado Coração, em Curitiba. Neste tempo, fazia parte do Conselho Provincial e era o formador dos estudantes de filosofia. Foi muito bom reencontrá-lo, sempre com aquele sorriso aberto e com a simplicidade que lhe era característica. O senti feliz e mais amadurecido, pronto para novas missões. Recordamos os anos vividos juntos em Francisco Beltrão, PR. Os tempos ricos de vivência da VRC na CRB Nacional, RJ. Despedimo-nos com um abraço afetuoso e lhe desejei muita alegria em sua caminhada. Um tempo depois, fui surpreendido por um telefonema da Casa de Retiros de Nossa Senhora do Cenáculo de Belo Horizonte. Ir Veleda, coordenadora da Casa, telefonou aflita pedindo se poderia orientar um retiro. Falou-me que o orientador seria o Pe. Agenor, mas que estava impossibilitado e não poderia se fazer presente. E ela concluiu: “Ele me sugeriu insistentemente seu nome para substituí-lo”. Percebi que se tratava de uma real impossibilidade e acabei dando meu consentimento. Duas ou três semanas depois saiu a eleição e nomeação de Pe. Agenor para Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Porto Alegre, RS. Era o ano de 2010.

As notícias que me chegavam diziam do belo trabalho que Dom Agenor realizava na Arquidiocese. Dava um apoio particular aos jovens, pois sabia da importância deles para o futuro da Igreja e da sociedade. Outro aspecto positivo era a valorização da VRC. Como Bispo sempre soube compreender o caráter carismático e profético da Vida Religiosa Consagrada. Em 2015, Dom Agenor é nomeado Bispo Titular da Diocese de União da Vitória, PR. Com sua simplicidade e humildade, foi conquistando o apoio de todos. Era próximo das pessoas, dos jovens, dos pobres... Como Bispo foi se tornando pastor com “cheiro de ovelha”, na rica expressão do papa Francisco. Batalhou bravamente por uma “Igreja toda missionária”. Sua saúde, entretanto, foi se fragilizando. Assim mesmo, deu sempre o melhor de si na missão de Bispo e Pastor. Abatido por um câncer, nos últimos tempos, só lhe restou oferecer seus sofrimentos pela santificação da diocese e para a salvação do mundo.

Morreu como viveu: na simplicidade, na confiança e esperança de que a Vida vence a força da morte; que a palavra final pertence a Deus. Ressuscitando Jesus Cristo, o crucificado, a morte é vencida pela Vida, “vida em plenitude”.

Eis é o destino da humanidade e de toda a criação.

Concluo este meu testemunho com o pensamento de Paulo Apóstolo: Deus escolhe o que é frágil e fraco para confundir os fortes, os sábios e poderosos... Deus revela sua força naquilo que é aparentemente frágil e desprezível aos olhos do mundo. Continuemos o “caminho”, de “mãos dadas”, na força do Espírito do Ressuscitado e na “comunhão dos santos”. Caminhemos, sempre, “de esperança em esperança”; “de começo em começo”, como afirmavam os Santos Padres da Igreja.

# MISSIONÁRIAS DE JESUS CRUCIFICADO - MJC

## 90 ANOS A SERVIÇO DA VIDA, COM MANSIDÃO E ALEGRIA

IR. MERCEDES LOPES - MJC.

A Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado completa 90 anos no mês de maio de 2018. Data importante, que merece ser comemorada com ação de graças. É o amor misericordioso de Deus que nos permite continuar sendo uma presença missionária viva e simples, servidora e companheira, nos oito países onde estamos inseridas: Brasil, Bolívia, Equador, Paraguai, Angola, Moçambique, Quênia e Peru, apesar das nossas fragilidades e das dificuldades de cada lugar e época. Ser presença nestes países é um sinal de fidelidade ao carisma congregacional, que desde o início teve como missão estar totalmente dedicada à evangelização e atenta à realidade dos empobrecidos.

Uma presença contemplativa que tem como raiz o Mistério Pascal, porque contemplar a realidade com a perspectiva da Paixão/Ressurreição de Cristo nos ajuda a ver com esperança a paixão dos empobrecidos. Uma contemplação que nutre a utopia, fortalece o compromisso e torna-se profecia. E, nesse aspecto da profecia, Maria ao pé da cruz é nosso modelo e Mestra. De pé, em um espaço proibido, ela desafia o poder que exclui. Com olhos fixos em Jesus, corajosa, solidária, livre, toda de Deus e dos pobres, ela se solidariza com a vida massacrada.

Este é um aspecto da mística que leva as MJC a viverem muito próximas dos pobres, lutando com eles por seus direitos e contra todo tipo

---

1 Irmã Mercedes - [lopesmercedes@live.com](mailto:lopesmercedes@live.com), Ir. Rosângela - [ferrerosangel@gmail.com](mailto:ferrerosangel@gmail.com)

de dominação. Profecia e poesia que transparece na música “Balada da Caridade”, gravada no início dos anos 60 em um disco de vinil com o título: “Missionárias em LP”<sup>2</sup> .

## A semente que gerou esse fruto

Nossa fundadora, Maria Villac, nasceu em Campinas – SP, em 1894. Sua vida foi marcada pela bondade, mansidão e sensibilidade com as pessoas que sofrem. A contemplação diária da paixão de Jesus alimentou e iluminou sua vida. Quando jovem, desejou ser monja contemplativa. Mas, fatos da vida a impediram de realizar este sonho. Sempre atenta aos sinais e sussurros do Espírito de Deus, em 1917 começou a fazer um trabalho com suas amigas, incentivando-as a uma intensa vida apostólica e espiritual. Além das orações em comum, elas procuravam responder aos apelos da época, pois o processo acelerado de industrialização nas cidades de São Paulo e Campinas, assim como a concentração de terras no campo, geravam migrações em massa, que tinham como consequência uma perversa desigualdade social.

Neste contexto, foi crescendo o grupo de mulheres iniciado por Maria Villac, ao qual deram o nome de Associação das Missionárias de Jesus Crucificado. Elaboraram um regulamento e foram apresentá-lo ao Bispo diocesano, Dom Francisco de Campos Barreto, que não somente o aprovou, como também as estimulou a prosseguirem, apresentando propostas missionárias que ampliavam seu campo de ação.

Aquele grupo começou a atrair outras jovens e senhoras, formando novos grupos. Para termos uma ideia do dinamismo primeiro, observemos que em 1919 a Associação das Missionárias de Jesus Crucificado tinha cerca de 62 participantes. Dez anos mais tarde, em 1927, já eram 364 participantes, muito ativas e alegres. É interessante observar, também, a diversidade do nível social, geracional e de etnia dessas mulheres: empregadas domésticas e senhoras da sociedade, brancas e negras, idosas e jovens.

Esta foi a semente boa, da qual brotou a Congregação das MJC.

<sup>2</sup> Para ver mais, entre em youtube com o título “balada da caridade”. Poderão ser ouvidas outras músicas das MJC e perceber a sensibilidade e o compromisso missionário que transparecem nesses cantos.

## Onde e quando a semente brotou

Dom Francisco de Campos Barreto, Bispo de Campinas, nessa época (1920-1941), foi um homem apaixonado pelo Reino de Deus. Com sua preocupação pastoral, não perdia de vista a Associação das Missionárias de Jesus Crucificado. Acreditou nelas, porque percebeu a força evangelizadora e o potencial profético do grupo. Por isso, em 1927, chamou Maria Villac e propôs transformar a Associação em Congregação Religiosa. Deu a ela um tempo de discernimento espiritual para realizar os diálogos necessários a fim de assumir tal responsabilidade. No dia 29 de setembro desse mesmo ano ela deu o seu Sim, mas, somente no dia 3 de maio de 1928 realizou-se oficialmente a Fundação da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Começou com apenas onze Irmãs, porque nem todas do grupo tinham este desejo de uma consagração radical. Mas, continuaram caminhando juntas e Maria Villac acompanhava a todas com terna mansidão.

Assim nasceu a Congregação das MJC.

## Qual é a missão específica das Missionárias

Quem escolhe ser MJC se identifica com um carisma de características originais, como a alegria e a mansidão. E, para viver a profunda alegria de ser missionária, enviada pelo Crucificado/Ressuscitado aos empobrecidos, busca continuamente contemplar sua presença no povo sofrido. Esta síntese já estava presente no sonho de Maria Villac e Dom Barreto. Este carisma que atrai tem força, mas necessita de ousadia, fortaleza, criatividade para permanecer “a serviço e em defesa da vida”. Precisa de mística que o sustente.

Nesse sentido, Dom Barreto traçou o perfil das MJC, enviadas em busca dos mais necessitados: “a Missionária não deve ser uma religiosa tímida, cheia de medo, mas, resistente, firme em sua vocação. Deve ter uma formação religiosa que não possa deixar vacilar sua fé. A Missionária no mundo vai ter muitas lutas, por isso é preciso a oração e o aprofundamento...” (DB 30/1/1930).

Quanto mais desafiante é a realidade, mais aparecem motivos para distrair, tirar do foco, do sentido maior da vida, da urgência de estar inseridas na missão, junto aos mais necessitados em cada lugar, em cada país. A missão é a razão da alegria das MJC, da sua atração, desde o começo do Instituto.

Quando a Congregação tinha apenas oito anos, Dom Barreto já deixava bem claro a importância de estar continuamente em saída: “Vejam a dignidade das missionárias. As senhoras são apóstolas....Vão desassombradamente estabelecer uma verdadeira ofensiva contra o mal. Para isso, foi criado o Instituto: para ir em busca dos mais necessitados no meio do mundo” (DB 10/1/1936). E Maria Villac acrescentava: “Nada deve impedir a missionária de ir em busca dos necessitados: nem a chuva, nem o sol, nem o cansaço”.

Celebrando 90 anos da Congregação, as MJC fazem memória de Maria Villac e Dom Francisco de Campos Barreto e continuam a caminho, pedem a Deus que as ajude a ter um amor apaixonado e lúcido pelo dom recebido.

## A mística que nos impulsiona

Até agora, comentei sobre a mística que nos impulsiona. Afirmei que, como Maria, queremos estar de pé, junto ao povo crucificado: mulheres, homens, jovens, crianças cujas mortes são antecipadas, porque suas vidas não têm a menor importância para o sistema do mercado, do dinheiro.

Neste tempo de tanta violência, necessito falar um pouco mais sobre a mansidão que nos faz ir adiante, sempre. A mansidão e a bondade eram a expressão concreta da espiritualidade de Maria Villac, nossa fundadora. Ela dizia: “Bondade é o espírito do nosso Instituto. Eu gostaria de deixar isso escrito com o meu sangue, tão importante acho a conservação deste espírito para a continuidade do Instituto.”

Atualmente, o ódio está sendo incitado, através dos meios de comunicação social. De um modo geral, as pessoas deixam-se contagiar pela ira e reagem impulsivamente às provocações, injustiças, privilégios, mordomias e impunidades. Tudo isso é muito doloroso e não podemos deixar de manifestar a indignação que sentimos, mas a forma de reagir pode gerar ainda mais violência. As estratégias de Gandhi mostraram que a mansidão é resistência ativa, porém pacífica e coletiva.

Fazer, hoje, um voto de seguir Jesus manso é um grande desafio para nós, não somente por causa da vivência comunitária da mansidão, mas no trabalho e nas relações sociais, porque a mansidão que buscamos nada tem a ver com a indiferença, com a insensibilidade. É a capacidade de interiorizar, refletir e agir em comunidade, em conjunto, buscando estratégias para abrir caminhos de libertação junto com os pobres.



A Palavra nos ilumina nessa busca, possibilitando experiências libertadoras de Deus. São estas experiências que nos levam a reconhecer os sinais da presença de Deus e a escutar os clamores da realidade que desafia a uma ação concreta, para ser um sinal dessa presença em resistência esperançosa.

A caminhada vai acontecendo pela influência de várias coordenadas que demonstram a força da própria vida, na América Latina, Caribe e África. Apesar de inúmeras dificuldades geradas pelas correntes conservadoras e pelos grupos dominantes, os pobres continuam a se organizar, as mulheres se despertam e se capacitam em cumplicidade solidária, as juventudes estão se articulando.

## **Em contínua articulação e parcerias**

Desde os primeiros anos da Congregação, houve articulação com organismos eclesiais e sociais. Não se falava, ainda, em parcerias, mas já existia a prática de trabalhar juntos, de acordo com as necessidades e afinidades de cada carisma.

Na fundação da CRB Nacional e da CNBB, as MJC estavam presentes como Congregação, assumindo serviços e recebendo formação. As parcerias com Confrarias Vicentinas possibilitaram atender às necessidades urgentes de pessoas fragilizadas. A Ação Católica, com seus grupos JAC, JUC, JEC e JOC, contribuiu com o método Ver-Julgar-Agir. Várias jovens que participavam destes grupos entraram na Congregação das MJC e, depois de Irmãs, puderam contribuir como assistentes, em diferentes níveis da AC. Outra parceria importante, nos últimos quarenta anos, é com o Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, que nos ajuda a ter uma prática missionária atenta à realidade e iluminada pela Palavra de Deus. Com estas e outras parcerias, buscamos assumir, como Igreja, a dimensão política da fé.

Menciono, também, alguns projetos realizados em nível intercongregacional, animados pela CRB em parceria com a CNBB e as igrejas locais, como o de Felizburgo, em MG – Brasil (2009–2015); do Timor Leste (2008–2010); do Haiti (2013–2016); da Amazônia Peruana (2017...) e de Baliza, em Goiás (2017...). Esses projetos buscam responder a urgências missionárias ou situações de risco para a vida do povo. As comunidades intercongregacionais tornam-se espaços de

partilha dos carismas entre as Irmãs de cada congregação e com o povo. Possibilitam um assumir conjunto e adequado desses urgentes apelos das Igrejas locais, articulando parcerias e gerando comunhão.

## Agradecimento a Deus

Estamos em fase de avaliação e reorganização, através do Capítulo Geral e Capítulos Regionais. As apresentações das Irmãs demonstram muita criatividade, alegria e abertura para os diferentes serviços, apesar de tantos limites internos e da grave conjuntura social, econômica, política e eclesial.

Com o coração agradecido, constatamos que a paixão pelo Reino, que fazia arder os corações dos fundadores e das primeiras missionárias, continua ardendo em nós. Louvamos a Deus que nos conduz e, sobretudo, por sua entrada humilde e simples nesse momento tão conflitivo da história humana, através do Papa Francisco. Seu jeito de ser e suas palavras nos confirmam, impulsionam, e fazem crescer nossa esperança.

# A SOBREVIVÊNCIA DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA, ENQUANTO CARISMA ECLESIAL, NA ATUAL CONJUNTURA

IRMÃ MARIAN AMBROSIO, IDP<sup>1</sup>

Os pés cresceram... e os sapatos não servem mais! Sobreviverão os pés? Ou sobreviverão os sapatos? Ou (que triste seria!), nenhum dos dois? Porque sempre se encontra uma boa solução:

- a) a quem servirão os sapatos que eu sempre pensei serem somente meus?
- b) se eu os guardar em um lugar seguro, será que algum dia eles ainda estarão adequados a alguém de outro tempo?
- c) e se eu simplesmente os jogar fora, estarei buscando um caminho justo diante de quem nada tem?
- d) e se, para não os perder, eu decidisse cortar os dedos dos meus próprios pés (ai que dor!!!), teria resolvido a questão?

E agora, irmãs e irmãos!

Se formos usar de real sinceridade, podemos aplicar cada uma destas alternativas ao que estamos tentando fazer para sobreviver como Institutos de Vida Religiosa, na atual conjuntura.

As provocações mais persistentes nos vêm, não em relação à sobrevivência da Vida Consagrada, mas em relação à sobrevivência dos

---

1 Irmã Márian Ambrosio. Irmãs da Divina Providência, idp. Curso Superior: Pedagogia: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Palmas, PR. (1972-1975). Teologia Espiritual, diploma: Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma (1983-1985). Presidente Nacional da CRB (2007-2010 e 2010 a 2013). Superiora Geral da Congregação.

Institutos de Vida Religiosa Apostólica, seja do ponto de vista de suas obras apostólicas, seja do ponto de vista da sobrevivência vocacional para as mesmas. Os pés grandes de nossas obras não entram mais no sapato que usamos. E... será que já não cortamos os dedos de jovens que nos procuram, mas que não combinam com estes nossos sapatos”!<sup>2</sup> Vivemos, pois, um excelente momento para refletir. Não faltam bons sapateiros para nos ajudar a desmontar um sapato que não serve mais e, com o mesmo material, fabricar talvez uma sandalia que libere os dedos. A exemplo do que fez o oleiro conhecido de Jeremias<sup>3</sup>.

## 1. Ao encontro da profecia – Vida Consagrada

“Olhe para o céu e conte as estrelas”<sup>4</sup>

“Depois desses acontecimentos, o Senhor falou a Abraão numa visão, dizendo: ‘Não temas, Abraão! Eu sou teu escudo protetor; tua recompensa será muito grande’. Abraão respondeu: ‘Senhor Deus, que me haverás de dar? Eu me vou sem filhos, e o herdeiro de minha casa é Eliezer de Damasco’. E acrescentou: ‘Como não me deste descendência, um escravo nascido em minha casa será meu herdeiro’. Então veio-lhe a palavra do Senhor: ‘Não será esse o teu herdeiro; um dos teus descendentes será o herdeiro’. E, conduzindo-o para fora, disse-lhe: ‘Olha para o céu e conta as estrelas, se fores capaz!’ E acrescentou: ‘Assim será tua descendência’. Abraão teve fé no Senhor, que levou isso em conta de justiça”<sup>5</sup>.

É preciso admitir que nos sentimos, hoje, muito próximas ao contexto de Abraão – nós nos vamos sem descendentes... outros herdarão as obras construídas com o suor de nosso rosto... E eis que então surge Deus. Deus toma a iniciativa de um surpreendente diálogo, de uma surpreendente promessa, em três afirmações: olhe para o céu; conte as estrelas, se fores capaz; assim será tua descendência. Assim é nosso Deus! É Ele o protagonista de qualquer chamado à consagração. A sobrevivência da vida consagrada depende de Deus, não de nós... E há um antes e um depois da promessa: antes Deus conduziu Abraão para fora. Depois Abraão proclamou sua fé.

2 “O noviciado não é uma academia para aprender coisas sobre o Instituto. Não é uma experiência de laboratório. Noviciado é a entrada em uma família” (Papa Francisco. Fonte: *Illuminate il futuro*, A. Spadaro, Ancora, página 65).

3 Jer 18,1-6.

4 Amedeu Cencini, *Guarda il cielo e conta le stelle*, Paoline 2000.

5 Gênesis 15:1-6.

Meditemos:

## Deus conduz para fora!

É preciso sair de dentro do complexo emaranhado de nossos bem conhecidos desafios atuais (fechamento, acomodação = ficar dentro de casa; medo do que está lá fora, do desconhecido; despreparo para enfrentar o novo (geográfico, social, cultural, religioso, existencial). A Divina Providência interfere em nossas programações, em nossos projetos, em nossas vidas, e nos convida a sair. Sejamos uma Vida Consagrada em saída!

## Olhe para o céu!

É como se Deus dissesse hoje: levante o olhar, busque uma mudança de foco, liberte-se das amarras que direcionam somente para baixo (“categoria mundo”). AVC é escatológica, aponta valores que contradizem valores do mundo“. Uma das mais dolorosas queixas de Deus insiste nesta mundaça de foco: “*Como meu povo é difícil de se converter: é chamado a olhar para o alto, mas não encontro um que levanta os olhos*”<sup>6</sup>. Esta é uma frase relatada na profecia de Ozeias, o Profeta que acentua a sedução de Deus! Uma tradução livre parece ainda mais apropriada para nós, hoje: “*Que geração difícil: é chamada a olhar para o alto, mas continua com os olhos nos sapatos...*” Que doloroso é este lamento de Deus! É como se Ele estivesse dizendo para mim: quero tanto que você olhe para mim, mas você não tira seus olhos do chão, você não tira os olhos de você mesma!

## Conte as estrelas, se for capaz!

Podemos imaginar o estupor de Abraão, ou o nosso próprio. Como? Você sabe, Senhor, que isso é impossível para mim... Relendo com atenção, porém, percebemos que Deus coloca uma condicional na frase: *se você for capaz*. A ordem à qual Abraão obedece é: *olhe para o céu*. Deus não nos pede o impossível. Ele simplesmente nos dá uma garantia: assim será tua descendência.

---

6 Os 11, 7

## Assim será tua descendência!

O que para nós é impossível, Deus realiza: consagração é assunto de Deus! A Ele compete garantir a sobrevivência da Vida Consagrada. A Ele compete a missão de seduzir, de separar, de consagrar. Recordemos que a vida consagrada tem histórico que remonta ao Antigo Testamento<sup>7</sup>.

## Abraão teve fé no Senhor, que levou isso em conta de justiça!

Ao nos referirmos a Abraão, até hoje, nós o consideramos o pai da fé<sup>8</sup>. Conforme o texto, Abraão se alicerça, se firma em Javé. Abraão confia firmemente em seu Deus; aceita os planos que Deus afirma ter para ele. E esta firme confiança de Abraão é considerada justiça, ou seja, a atitude correta e adequada de Abraão diante da promessa de Javé. Hoje, o mundo precisa ver, tocar, experimentar em nós a Fé radical – a proclamação da centralidade de Deus em nossas vidas. É por isso que somos pessoas consagradas.

## 2. Ao encontro da crise atual – Vida Religiosa (apostólica) como carisma eclesial

“Reforçar o que é próprio ao Instituto, não confundindo o Instituto com a Obra apostólica. O primeiro (Instituto) permanece. A segunda (Obra Apostólica) passa. O Carisma é forte, permanece. O Instituto é criativo, busca sempre caminhos novos”.<sup>9</sup>

Não, não há absolutamente dúvida alguma: Os Institutos de Vida Religiosa Apostólica que confundem carisma e obra apresentam pouca chance de sobrevivência. Vivemos, sim, já, hoje, o ocaso de um modelo que não encontra mais expressão em grande parte do mundo ocidental<sup>10</sup>. Por que razão um/a jovem se tornaria religioso/a para cumprir a tarefa que pode perfeitamente realizar como leigo/a? Muitos/as Religiosos/as ocupam lugar de suplência, cumprindo atividades (todas muito boas),

7 Nm 6, 1-8 (relato sobre os nazireus = separados, consagrados)

8 Rm 4,11; Gl 3,7

9 Papa Francisco. Fonte: *Illuminate il futuro*, Antonio Spadaro, Ancora, páginas 18-19

10 O texto que segue é parte da Conferência proferida por Irmã Márian Ambrosio, por ocasião da Assembleia Geral da UISG em 2016, em Roma

que nos distanciam da irradiação testemunhal que o Carisma nos pede. Atuamos, sim, ainda hoje, como suplentes do Clero, e atuamos ainda hoje, sim, como suplentes do Estado. Essa postura não encanta! Servenos, como exemplo, o depoimento de uma juniorista que solicitava o indulto de secularização: “estou deixando a Vida Religiosa porque entrei para seguir Jesus, mas estou sendo pressionada a salvar uma obra”.

Quantas reuniões, quantas assessorias, quantas tentativas para encaminhar o que um dia foi nosso lugar apostólico – colégios, hospitais, espaços sociais para crianças, adolescentes, mulheres, e tantas pessoas que encontram em nossas Congregações a resposta para seus gritos por vida mais digna! Quantas gerações de Religiosas deram sua vida nestes espaços sagrados de cuidado com a Educação, a Saúde, a Caridade social! Sentimo-nos confortáveis ao afirmar que estas mesmas Obras são hoje o “nome” de nossa crise? Ou nos abrimos diretamente à escuta atenta e evangélica dos sinais dos tempos? É bem importante assinalar que esta dinâmica que denominamos “sinais dos tempos” já foi ouvida pelas gerações fundadoras. Hoje, os sinais dos tempos nos sacodem de todos os lados. Hoje, os gritos são outros e nós os conhecemos: paz; cuidado da Criação; misericórdia; abrigo a refugiados; luta pela superação do tráfico de seres humanos; cultura da vida, do encontro, do diálogo; desejo de Deus.

Onde encontramos o critério que nos orienta no necessário discernimento? Estamos seguras de que abandonar as obras significa superar a crise? Não, Irmãs e irmãos! Nosso lugar, como Religiosas, não é lá onde moramos, ou lá onde trabalhamos; nosso lugar é onde amamos, onde testemunhamos! Nosso compromisso primeiro consiste em manifestar – profeticamente – o Carisma que nos encanta e identifica, o primeiro amor com o qual respondemos ao chamado. É este Carisma que devemos irradiar, comunicar, profetizar. Lembremos que nosso jeito específico de viver o Carisma pode ser a melhor maneira que o mundo ainda tem para ler o Evangelho, para conhecer Deus. Este momento é muito especial para a Vida Religiosa Apostólica. Quando reconhecemos que, do ponto de vista da produtividade, nos tornamos desnecessárias no mundo ocidental, este mesmo mundo nos provoca a recuperarmos nosso específico: somos sinal que aponta para a presença atuante de Deus na história. Já fizemos todas as reformas, reestruturações e redimensionamentos possíveis: constituições, casas, comunidades, estruturas e atividades. É hora de aproximarmos-nos da fonte, é hora de crescer em direção ao profundo.

Resumindo este aspecto: estamos pontuando a questão das Obras Apostólicas. Devemos mantê-las? Ou vendê-las? Ou doá-las? Há um claro critério na citação do papa Francisco no início desta parte do texto – fazer brilhar o Carisma Fundacional que o Espírito Santo confiou à sua Congregação, para ser testemunhado ao mundo. Cada lugar impregnado desta mensagem deixa de ser um lugar geográfico ou social, para transformar-se em lugar teologal junto ao qual as pessoas experimentam Deus-amor: AMOR revestido com a cor do Carisma Fundacional. Este é o critério. Não teremos mais dificuldade em definir se uma “obra apostólica” pode ser transferida a outras pessoas ou grupos, ou se ela é hoje o lugar teologal de nossa profecia.

Para os Institutos de Vida Religiosa Apostólica que desejam manter suas obras, há um porta aberta: firmar alianças entre si. Aliança é uma categoria bíblica. Sua originalidade está no fato de a iniciativa ser de Deus; de nossa parte basta uma atitude – trazer Deus para o centro de nossas decisões. Se as redes e as parcerias nos permitem atuar com melhor resultado em vista da obra, uma aliança entre nós terá por finalidade responder ao sonho de Deus – vida para todos, vida em abundância.

Esta reflexão carece de aprofundamento: como compreendemos a “Comunhão dos Carismas”? Como acelerar a aproximação entre os diferentes Institutos, valorizando a originalidade de cada um, mas com os olhos e o coração à procura de unidade? Ouvimos, por ocasião do encerramento do Ano da Vida Consagrada: “exige-se das Congregações um novo caminho: somos chamados/as, neste momento da história humana e da história da Igreja, a tornar-nos “especialistas da comunhão” ... “a construir entre nós e com toda a Igreja a unidade dos carismas, para evangelizarmos juntos, em todos os contextos da Igreja e em todas as culturas do mundo”<sup>11</sup>

Há mais um parágrafo a ser inserido que considero aqui: mesmo sem amplo conhecimento da Vida Religiosa Apostólica na Ásia e na África, temos ciência da importância de quebrar fronteiras, partilhar vida e experiência, e de estabelecer aliança entre diferenças culturais, históricas, geográficas, religiosas. A avaliação do sentido de uma Obra Apostólica inserida em contexto asiático ou africano não precisa seguir os parâmetros usados no lado ocidental do mundo. As fronteiras da vida, da saúde, da educação, do alimento, da família são definidas

---

11 Dom João Braz de Aviz no pronunciamento de abertura do Encontro Vida Consagrada em Comunhão, Roma 29 de janeiro de 2016.



pela realidade local, e não por um conceito geral. O que nos iguala, irmana, é a consciência que temos, hoje, de estar “começando de novo”, e de que lá, bem no começo, Deus nos chama e nos envia a testemunharmos o seu amor, muito mais que construir “nossas” obras. Isso vale para qualquer lugar deste mundo. A dinâmica da aliança é pessoal, comunitária e universal. A Palavra de Deus assinala: “Agora, se ouvirdes a minha voz e obedecerdes à minha aliança, sereis como meu tesouro pessoal dentre todas as nações, ainda que toda a terra seja minha propriedade”<sup>12</sup>

### 3. Ao encontro do futuro – Vida Religiosa Consagrada, discípula de Jesus e do Reino de seu Pai

“Para vinho novo, odres novos”<sup>13</sup>

Jesus, o único Mestre a quem seguimos radicalmente, é o vinho novo! Discípulas suas, somos nós mesmas frascos novos. A principal pergunta que nos fazemos hoje não é se a Vida Religiosa Consagrada Apostólica tem futuro, e sim quais são os sinais do futuro já presentes em cada Instituto. Estes sinais existem, sim, e é possível identificá-los. E que linda é a frase de Isaías: “Vejam, estou fazendo uma coisa nova! Ela já está surgindo! Vocês não o percebem? Até no deserto vou abrir um caminho e riachos no ermo”<sup>14</sup>. Importante é, neste momento, despertar no significado de ser discípulo/a de Jesus.

Jesus revolucionou o conceito de discipulado existente em seu tempo:

- seguir passa a significar caminhar o mesmo caminho, sem preocupação com a distância que separa mestre e discípulo;
- escolher discípulos/as passa a ser decisão do mestre (Mc 2,14;3,13);
- ser discípulo/a recebe um novo significado, o significado do discipulado permanente. O/a discípulo/a é destinado/a a morrer discípulo/a...
- o objetivo não visa mais o mestrado, mas sim ”por minha causa e por causa do meu Evangelho” (Mc 10,29);

12 Êxodo 19, 5-6; cf. tb. Dt 14, 2; 26, 18).

13 Mt 9, 17 (ver também: Para vinho novo, odres novos, Documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apóstica).

14 Isaías 43, 19.

- dar uma resposta irrevogável e renunciar a vínculos anteriores é exigência fundamental (Mt 8, 19-22; 10,37; 19, 16-22);
- assumir o Projeto mesmo de Jesus, comungando a vida e o destino do mestre (Mc 10,39; Mt 10, 18-20);
- até o Calvário (Lc 9, 23-24; 14, 27; Mt 10,38; 16,24; Mc 8,34).

Ao nos sentirmos distantes dessa vivência radical do discipulado, faz bem ao coração ouvir mais uma frase de Jesus, aquela que Ele formulou sobre Lázaro: “esta doença não é para a morte”<sup>15</sup>. Ou: “Lázaro, vem para fora” ...<sup>16</sup>

Para nosso discernimento em processos que podem decidir o futuro da Vida Religiosa Consagrada Apostólica, sigamos os sinais já presentes, hoje, e que caracterizam a Vida Religiosa Consagrada Apostólica “que deseja ter futuro”. Segundo Bruno Secondin<sup>17</sup>, para renovar o discipulado e a profecia, o caminho se faz por meio:

**1. Da centralidade da Palavra.** É ela, a Palavra de Deus, que sempre leva ao florescer da espiritualidade. O primado da santidade e da oração só é concebível a partir de uma renovada escuta da Palavra de Deus. O caminho eficazmente difundido desta recuperação se vivencia na antiga e nova experiência da lectio divina.

**2. Do discipulado de Jesus Cristo, em modo profético.** Mesmo valendo para qualquer cristão, esta atitude fundamental é sublinhada como essencial a religiosas e religiosos. Não se trata de um critério como os outros. Este sempre foi e continua sendo o primeiro e o decisivo princípio para tornar nova a Vida Religiosa Consagrada. Papa Francisco dá um novo tom a este princípio com especial linguagem, ligando a carne de Cristo e a carne dos pobres (Encontro com Superiores Gerais USG, 29.11.2013).

**3. Do cultivo permanente da espiritualidade cristocêntrica.** Não raro, prevalecem em nossos Institutos a leitura de textos de Fundadoras e Fundadores em substituição ao Evangelho de Jesus. Herdamos também uma certa cristologia cheia de sugestões emotivas, vinda da catequese ou de devoções familiares e culturais. Urge uma leitura do fundamento cristológico guiado pela palavra bíblica. Conhecê-la, assimilá-la para traduzi-la em vida, é exigência primária e provoca uma

<sup>15</sup> Jo 11, 4

<sup>16</sup> Jo 11, 43

<sup>17</sup> Cf. Bruno Secondin, Relazione UCESM 17a Assemblea Generale, Roma 3-4 febbraio 2016

purificação radical. Precisamos insistir em um retorno à radicalidade autêntica, com linguagem centrada no discipulado de Jesus Cristo, aquele que é o “profeta messiânico dos pobres”.

**4. Da preservação da verdadeira intenção e do verdadeiro projeto das/os Fundadoras/es.** É necessário separar, com sabedoria evangélica, esta intenção primeira, das manipulações do tempo e do “exílio da Palavra bíblica” na prática cristã. Uma perseverante atualização do Carisma Fundacional é parte inegociável deste momento. Ouçamos novamente papa Francisco: “um carisma não é uma peça de museu conservada intacta em uma vitrine. Não, o carisma ... precisamos abri-lo e deixá-lo sair para que entre em contato com a realidade, com as pessoas, com suas inquietações e problemas. Seria erro grave pensar que o carisma se mantém concentrado em estruturas externas, sobre esquemas, métodos e fórmulas. Deus nos livre do espírito do funcionalismo” (Audiência aos padres de Schönstatt, em 3/9/15).

**5. Do frequentar a escola da profecia.** Os passos acima descritos são acompanhados pela retomada da perspectiva profética para a Vida Religiosa Consagrada. A verdadeira profecia nasce de Deus, da amizade com Ele, da escuta de sua Palavra nas diversas circunstâncias da história, com uma familiaridade que acende corações e desperta projetos enraizados nos desígnios de Deus. Desta experiência se passa à profecia de gestos e escolhas, de denúncia e anúncio, de descoberta de caminhos novos de misericórdia e comunhão. Esta é a profecia do Reino! É este o caminho que nos garante a vivência do discipulado de Jesus, evidenciando a misericórdia, a vigilância, a ternura, a reconciliação, a sobriedade, a justiça, a caridade – todos valores que remetem à castidade, pobreza e obediência.

**6. Com as periferias e as novas fronteiras no coração.** O Espírito Santo não abandona um carisma a si mesmo. Ele é doador e intérprete de todos os Carismas. O Carisma fundacional é doado à Igreja e permanece de natureza e finalidade eclesial e não pode ser monopolizado por um grupo. Recordamos ainda que há uma sinergia natural entre os diversos carismas. Somente uma atualização permanente do Carisma, que herdamos como dom do Espírito através da experiência de uma Fundadora e de um Fundador, fortalecerá em nós o sonho missionário e transformador do mesmo. Escutemos os sinais dos tempos! Hoje, eles gritam em direção a uma Igreja em saída, precisamente em um momento de crise para a Vida Religiosa Apostólica.

Antes de acordar o mundo, precisamos acordar em nós a chance de viver, de sobreviver.

Confiamos que a Vida Religiosa não esteja morrendo; pode estar se concluindo um modo (modelo) de vivê-la. É por isso que estamos inquietos/as, e com tantas perguntas, ou ... em crise (?). Porque estamos a caminho!

### **Vem, Espírito de novos começos!**

Espírito de novos começos, abençoa-me! Pois ouço teu chamado, tua voz me atrai, teu impulso dinamiza e sinto que algo vai começar mais uma vez.

Acompanha-me, cuida de mim, principalmente quando eu sentir apego a velhos hábitos dos quais quero me despedir.

Ou quando eu me sentir na encruzilhada entre os caminhos já conhecidos e as surpresas de teus caminhos sempre novos.

Ou mesmo quando eu me sentir grata pelas experiências passadas, desejando aventurar-me em direção ao novo preparado por ti.

Ilumina meu caminho quando eu estiver pisando chão estranho, perplexa ante o desconhecido.

Ilumina meu caminho quando eu estiver na fronteira de meu próprio e desconhecido interior.

Desperta minha atenção quando eu me sentir insegura; quando outras pessoas se surpreenderem comigo.

Ou quando minha alegria transbordar, quando as flores desabrocharem, a água refrescar minhas buscas e as estrelas brilharem em minhas noites.

Espírito de novos começos!

Permanece comigo neste momento!

Permanece conosco como Vida Religiosa Consagrada Apostólica!

Permanece com teu povo. Amém!

Münster, 28 de fevereiro de 2018

# “RECUPERAR O FRESCOR ORIGINAL DO EVANGELHO”

FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR

*Ao bispo Pedro Casaldáliga, nos seus 90 anos, por sua fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo na fidelidade aos pobres da terra.*

Muitos membros e lideranças da Igreja padecem hoje de uma espécie de “depressão eclesial” que se manifesta em sentimentos e expressões de desconforto, desânimo, cansaço, desinteresse, indiferença, apatia, pessimismo, amargura, azedume, grosseria e até agressividade na vivência eclesial e na ação pastoral-evangelizadora. É como se não se realizassem na Igreja e como se a Igreja fosse um fardo que precisam carregar, ou por costume, ou porque (ainda) não encontraram coisa mais interessante e mais prazerosa que fazer (Cf. EG 81-86). Isso que marca a vida de muitos membros da Igreja e explica em boa medida o “trânsito religioso” em nosso país é particularmente forte nas lideranças eclesiais (animadores/as de comunidade/pastoral/movimento; religiosos/as, ministros ordenados), embora o afastamento da Igreja, aqui, seja mais difícil, tanto pelo peso institucional (função pública), quanto pela comodidade e segurança que a instituição oferece (no caso de religiosos/as e ministros ordenados).

Essa situação de “depressão eclesial” vai desenvolvendo uma “psicologia do túmulo” (EG 83) e criando a “sensação de derrota que

---

1 Presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte; professor de teologia da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) e da Universidade Católica de Pernambuco. Publicou por paulinas: A dimensão socioestrutural do reinado de Deus: Escritos de teologia social (2011); Viver segundo o espírito de Jesus Cristo: Espiritualidade como seguimento (2014) e Nas periferias do mundo: Fé – Igreja – Sociedade (2017).

nos transformam em pessimistas lamurientos e mal-humorados desencantados" (EG 85) que, aos poucos, vão corroendo a Igreja por dentro, consumindo seu vigor missionário, enfraquecendo seu poder de atração e de transformação da vida das pessoas e da sociedade. Vão transformando a Igreja em "árvore" que não dá frutos, "fermento" que não fermenta, "sal" que não salga, "luz" que não ilumina. E não adianta aqui entrar na onda do mercado e do consumo religiosos (show, terapia, intimismo).

Se quiser recuperar seu vigor e seu frescor originais, a Igreja tem de voltar às fontes: o encontro pessoal (não individualista ou intimista) com Jesus Cristo e a acolhida do Evangelho do reinado de Deus, que nos fazem viver como irmãos (fraternidade) e nos comprometem com os pobres, marginalizados e sofredores (misericórdia). Só essa volta a Jesus Cristo e ao Evangelho do Reino pode renovar a Igreja por dentro e recuperar seu poder de atração e transformação das pessoas e da sociedade. Essa renovação evangélica da Igreja implica uma verdadeira "conversão pastoral" que ponha no centro da fé e da ação pastoral-evangelizadora não práticas religiosas (culto, doutrina, devoções) e interesses institucionais (crescimento, projeção, poder social, dízimo), mas a vivência pessoal e social do Evangelho (fraternidade, perdão, solidariedade, respeito, poder-serviço, misericórdia, justiça).

E essa é a grande provocação que o papa Francisco tem feito à Igreja: "Voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho" (EG 11). Isso produz a alegria (alegria do Evangelho, alegria do amor, alegria da verdade) que transforma a vida das pessoas e fermenta a sociedade com um dinamismo/espírito de fraternidade, justiça e paz. Isso revigora o dinamismo missionário da Igreja que se sente impulsionada a anunciar e propor essa experiência a outras pessoas, "não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível" (EG 14). Isso confere autoridade à Igreja e recupera sua credibilidade na sociedade e seu poder de atração das pessoas.

Em sintonia com as provocações de Francisco, queremos indicar alguns sinais de desvio de rota na Igreja, que acabam produzindo o que chamamos de "depressão eclesial" e insistir com o Papa na necessidade e urgência de uma conversão eclesial enquanto retomada do caminho de Jesus e volta ao Evangelho do reinado de Deus.

## 1. Desvio de rota

A fé tem uma dimensão comunitária fundamental. A comunhão com Deus que se concretiza na fraternidade com os irmãos e no cuidado e compromisso com os pobres, marginalizados e sofredores nos reúne e nos constitui como Igreja: “povo de Deus”, “corpo de Cristo”, “templo do Espírito”. Essa comunhão eclesial vai criando e instituindo práticas e modos de vida, ritos e doutrinas, serviços ou ministérios que constituem e identificam a Igreja (como corpo social) e, ao mesmo tempo, dinamizam e regulam a vivência da fé na comunidade eclesial e na sociedade (identidade própria).

Esse processo de institucionalização da fé (em práticas e modos de vida, em expressões rituais e doutrinárias, em serviços ou ministérios) é constitutivo da Igreja e vital para o dinamismo e propagação da própria fé. Sem ele não há Igreja como “corpo social” com “identidade própria”. Como qualquer grupo social ou qualquer sociedade, a Igreja tem uma dimensão institucional fundamental que a constitui como corpo, que a identifica, que a dinamiza e que lhe dá consistência histórica. Negar essa dimensão institucional da fé é negar sua dimensão eclesial e reduzi-la a idealismos ou abstrações subjetivistas sem consistência histórica.

Mas não se trata de uma institucionalização qualquer e que valha por si mesma ou que seja fim em si mesma. Se falamos de fé cristã, a referência e o critério primeiros e últimos é Jesus de Nazaré, a quem confessamos como Cristo. Ele é o “autor e consumidor da fé” (Hb 12, 2). A fé cristã é participação na fé de Jesus, isto é, relação filial com um Deus que é Pai e vivência/testemunho de seu reinado de fraternidade, justiça e paz, que tem nos pobres e marginalizados sua medida e seu critério escatológicos (Cf. Lc 10, 25-37; Mt 25, 31-46). São dois aspectos fundamentais da fé cristã que se implicam e se remetem um ao outro: Deus Pai e seu reinado de fraternidade, justiça e paz. A entrega a esse Deus (filiação) se concretiza e se expressa na realização de sua vontade (fraternidade/misericórdia): é pelo fruto que se conhece a árvore (Cf. Mt 12, 33; Lc 6, 44; Jo 15, 4).

A institucionalização a que nos referimos diz respeito, portanto, à vivência e ao dinamismo da fé cristã enquanto entrega a Deus (Pai) na realização de sua vontade (reinado). São as formas concretas (práticas, costumes, ritos, doutrinas, ministérios) através das quais a fé vai sendo vivida e transmitida na e pela comunidade eclesial. O problema é

quando a fé é identificada com e reduzida a essas formas concretas, relativizando ou mesmo prescindindo da experiência pessoal e social da fé. Nesse caso, alguém se consideraria e seria considerado cristão pelo simples fato de observar certas normas e preceitos, de praticar certos ritos religiosos, de confessar certas doutrinas, independentemente de viver ou não como Jesus viveu. A experiência pessoal e social da fé (vivência da fé) seria substituída, aqui, por um conjunto de práticas religiosas externas (expressão da fé) que se realiza por costume ou conveniência psicológica ou social, mas estéreis, isto é, sem vitalidade, sem capacidade de gerar vida nova.

É o risco e a tentação de toda tradição religiosa e, sobretudo, de suas lideranças: centrarem-se de tal modo na observância dos aspectos institucionais do grupo que termina relativizando e mesmo prescindindo da experiência religiosa fundamental que pretende expressar e mediatizar. Jesus se confrontou com esse problema no judaísmo de sua época e nós nos confrontamos hoje com esse mesmo problema na Igreja. Não se trata de oposição ou negação da institucionalidade da fé em costumes, práticas, ritos, doutrinas, ministérios, mas da redução e subordinação da fé a essas expressões como se elas valessem por si mesmas e até prescindissem da experiência pessoal e social da fé. Quando isso acontece, há um desvio de rota: o que deveria favorecer e conduzir à vivência da fé termina substituindo a fé e se tornando fim em si mesmo.

Chama a atenção o fato de um país como o Brasil, que se diz cristão, que conserva tantas datas e símbolos cristãos e que sempre foi governado por pessoas que se dizem cristãs, ter tanta desigualdade social (os 5% mais ricos detêm a mesma renda que 95% da população; apenas 6 brasileiros concentram a mesma riqueza que metade da população), tanta corrupção legal ou ilegal (nos grandes e nos pequenos, nas elites políticas, mas, sobretudo, nas elites econômicas), tanto preconceito e discriminação contra negros, indígenas, mulheres, pessoas LGBTs, idosos, encarcerados, pessoas com deficiências; tanta intolerância religiosa e política. É uma sociedade que conserva muitas expressões externas da fé (símbolos, ritos, doutrinas), mas que nega o Evangelho do Reino em suas estruturas e em seus dinamismos econômicos, sociais, políticos, culturais e mesmo religiosos. Uma sociedade hipócrita, diria Jesus.

E chama mais atenção ainda o fato de a Igreja – sobretudo suas lideranças – conservar e transmitir com tanto zelo (até excessivo, quase absolutizando) as expressões da fé (ritos, doutrinas, normas, ministérios),



mas ter tanta dificuldade de viver a fraternidade, o perdão, a partilha, o cuidado dos pobres e marginalizados, o poder como serviço, a profecia. Embora com dificuldades, todas as comunidades cuidam da liturgia e da catequese; mas, para o cuidado dos pobres, sobretudo a defesa e a luta por seus direitos, quase não há pessoas disponíveis e nunca há recurso (o dízimo nunca alcança os pobres!). O que era central na vida de Jesus tornou-se secundário na vida de nossas comunidades. E não há nenhum escrúpulo com isso. Falando da “situação das famílias caídas na miséria, penalizadas de tantas maneiras”, o papa Francisco chega a dizer na Encíclica *Amoris Letitia* que “em vez de oferecer a força sanadora da graça e da luz do Evangelho, alguns querem ‘doutrinar’ o Evangelho, transformá-lo em ‘pedras mortas para as jogar contra os outros’” (AL 49).

Não é por acaso que normalmente se mede a fé ou espiritualidade de alguém ou de uma comunidade pela quantidade e intensidade de suas práticas religiosas. Na vida religiosa e nos seminários, por exemplo, quando se fala de dimensão espiritual, pensa-se logo ou até exclusivamente no cultivo de práticas religiosas: oração pessoal e comunitária, devoção, eucaristia diária, retiros. Não é a vivência pessoal e social do Evangelho que conta em última instância, mas a observância de práticas religiosas. Essa substituição da vivência da fé pelas expressões da fé, que é um desvio de rota, é o que torna um crente ou uma comunidade hipócrita e estéril e provoca o que chamamos no início do texto de “depressão eclesial”. E, aqui, só há uma saída: retomar o caminho de Jesus e “recuperar o frescor original do Evangelho” (EG 11).

## 2. Retomando o caminho

Jesus não propõe sem mais uma doutrina ou um conjunto de práticas religiosas. Ele propõe um modo de vida dinamizado na força e no poder do Espírito. Esse modo de vida se concretiza na relação filial com Deus (Pai) e na relação fraterna com os outros, sobretudo com os pobres e marginalizados (reinado de Deus). Certamente, esse modo de vida se expressa e se traduz em ritos (oração pessoal e comunitária, sacramentos, etc.), doutrinas (Deus como Pai de bondade e misericórdia, amor a Deus e aos irmãos como mandamento maior, poder como serviço, etc.), normas (misericórdia como norma suprema, perdão aos inimigos, subordinação do sábado e dos ritos de pureza à prática da misericórdia, etc.) e vai suscitando carismas e ministérios importantes e

necessários para seu dinamismo e propagação (anúncio do Evangelho, diaconia aos pobres, culto, presidência da comunidade, etc.). Mas tudo isso como expressão e mediação desse modo de vida e sempre subordinado e a serviço dele: ritos, doutrinas, normas e ministérios da fé, que são fundamentalmente um modo de vida.

Não por acaso, quando Paulo fala de vida em Cristo ou vida no Espírito ou vida cristã ou dos frutos do Espírito (Cf. Rm 8, 1-17; 12, 1-21; 14, 17; 2 Cor 5, 17-21; Gl 5, 6, 13-26; Ef 4, 17-32; Fl 4, 1-9; Cl 3, 12-17; 1 Tes 4, 1-12) fala fundamentalmente de ação, de relação, de valores, de sentimentos. E, não por acaso, uma das formas mais antigas de se referir à comunidade cristã era o "Caminho" (Cf. At 9, 2; 19, 9, 23; 22, 4). Os cristãos eram os que faziam parte do "Caminho". E esse "Caminho" tem a ver com Jesus de Nazaré. Ele é o "o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14, 6).

Ser cristão, portanto, é entrar no Caminho, é configurar a vida a Jesus e viver como Jesus viveu: sentimentos (Cf. Fl 2, 5; Mt 9, 36; 14, 14); mentalidade (Cf. Ef 4, 23; Rm 12, 2; Lc 6, 1-11), ação (Cf. Lc 10, 25-37; Mt 25, 31-46; Jo 13, 13-17, 34-35; 1 Jo 2, 6). Isso nos transforma e nos renova como pessoas (Cf. Ef 4, 24; Jo 2, 1-21). Isso nos identifica como cristãos (Cf. Jo 13, 34s), "corpo de Cristo" (Rm 12, 4s; 1 Cor 10, 17; 12, 12. 27; Gl 3, 28). Isso nos torna "aroma de Cristo" no mundo (2 Cor 2, 15) e faz de nós "fermento", "sal" e "luz" de seu reinado de fraternidade, justiça e paz.

Esse modo de vida é o grande tesouro ou a grande herança que Jesus nos deixou e é o que temos a oferecer ao mundo. É o "depósito" que ele nos confiou através dos apóstolos e que temos de conservar e transmitir fiel e criativamente de geração em geração (Cf. 1 Tm 6, 20; 2 Tm 1, 14; 2, 1). A vivência e transmissão desse modo de vida que se materializa em "doutrina, vida e culto" (DV 8) são o que constitui a Tradição cristã no sentido mais genuíno e profundo da palavra. E toda renovação da Igreja é sempre uma volta ou uma retomada desse caminho ou modo de vida que Jesus nos deixou, ou melhor, é um abrir-se à ação do Espírito que nos põe e nos conduz nos passos de Jesus na relação filial com Deus, na fraternidade com os irmãos e no compromisso com os pobres e marginalizados.

Voltar (conversão) a esse caminho nos renova como pessoa e como comunidade, cura nossa "depressão eclesial", revigora nossa ação pastoral/evangelizadora e devolve autoridade e credibilidade à Igreja

perante a humanidade sofredora que, de novo, encontrará nela compaixão, misericórdia e solidariedade.

A volta/conversão a Jesus e seu Evangelho diz respeito tanto à vida pessoal e social dos crentes, quanto à vida interna da comunidade eclesial e sua ação pastoral/evangelizadora na sociedade. Aderir a Jesus e a seu evangelho significa configurar a vida a ele de tal modo que através de nossa vida ele possa se fazer presente e agir no mundo. É o que suplicamos na celebração da eucaristia: “fazei de nós um só corpo e um só espírito”.

Isso se concretiza ou se materializa em nossa vida cotidiana: na forma como nos relacionamos uns com os outros; nas relações que cultivamos (gratuidade ou interesses, pobres ou ricos/influentes); nos sentimentos que nutrimos; nos valores que cultivamos; na mentalidade ou forma de pensar que vamos desenvolvendo; na relação com as pessoas que não nos agradam ou que nos ofendem ou que nos ameaçam; no exercício do poder; em nossa profissão, sobretudo quando assumimos funções de direção; no modo como tratamos as pessoas que são marginalizadas em nossa sociedade (mulheres, negros, indígenas, LGBTs, idosos, encarcerados, doentes, pessoas com deficiência ou com dependência química, pessoas que sobrevivem da prostituição) e que reagimos aos preconceitos e agressões contra elas, bem como às lutas em defesa de seus direitos; nos posicionamentos que tomamos em questões polêmicas na sociedade; em nossas opções político-partidárias (e sempre temos alguma).

Isso se concretiza ou se materializa no dia a dia de nossa comunidade eclesial: nas relações que estabelecemos uns com os outros; no exercício do poder (ministros ordenados e lideranças comunitárias e pastorais); em nossas preocupações e prioridades pastorais (interesses institucionais ou sofrimentos e necessidades do povo); nos carismas e ministérios que cultivamos e instituímos na comunidade; no destino e uso dos recursos financeiros; nas relações com as pessoas e os grupos de poder econômico, social e político dentro da comunidade e na sociedade; na forma como tratamos as pessoas que não se enquadram nas normas e regras morais e jurídicas da Igreja; no modo como tratamos os membros de outras Igrejas cristãs e de outras religiões, bem como essas Igrejas e religiões; na posição que tomamos diante dos problemas e dos conflitos sociais, políticos e econômicos que acontecem na sociedade (e sempre tomamos posição: “não tomar posição” é favorecer o mais forte).

Isso se concretiza e se materializa na ação pastoral-evangelizadora da Igreja: em nossas prioridades e opções (atividades religiosas e

crescimento institucional ou as necessidades e os gritos dos pobres, marginalizados e sofredores; centro ou periferia); em nosso dinamismo pastoral (devocional/sacramental ou seguimento; intimismo religioso ou vivência comunitária da fé); na forma como tratamos e nos relacionamos com outras Igrejas e religiões; em nossas reações e posições diante de situações de injustiça e preconceito contra camponeses, indígenas, trabalhadores, mulheres, negros, idosos, encarcerados, pessoas LGBT, pessoas com deficiência, vítimas do tráfico; em nossas reações e posições frente às mais diversas organizações e lutas por direitos e justiça social; em nossas relações com os grupos de poder na sociedade.

O grande desafio que se nos impõe é renovar a Igreja no dinamismo do Evangelho de Jesus Cristo que, na força e no poder do Espírito, faz de nós pessoas novas e através de nós vai renovando o mundo e instaurando o reinado de Deus que se concretiza na fraternidade, no perdão, na justiça e na paz. No centro de tudo está o amor e a misericórdia de Deus, que nos faz viver na relação filial com Ele e na fraternidade com os irmãos, sobretudo com os pobres, marginalizados e sofredores.

Que o Espírito do Senhor nos reconduza ao “Caminho” que é Jesus e seu Evangelho do reinado de Deus. Que Ele nos mantenha unidos a Jesus e nos faça, com Ele e como Ele, passar a vida “fazendo o bem” (At 10, 38) e exalando o “aroma” (2 Cor 2, 15) da fraternidade, da misericórdia, da justiça e da paz. Os pobres, marginalizados e sofredores são, n’Ele, testemunhas e juízes de nossas vidas, de nossas comunidades e de nossa ação pastoral-evangelizadora (Cf. Lc 10, 25-37; Mt 25, 31-46).

### QUESTÕES

- a) Que significa “depressão eclesial”? Há sinais disso em nossas comunidades?
- b) Em que consiste a vida cristã?
- c) Estamos no “Caminho” ou desviamos a rota? Como retomar o Caminho?

# OS DESAFIOS DA ANIMAÇÃO VOCACIONAL PARA A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

IR. MÁRCIO HENRIQUE FERREIRA DA COSTA, FMS<sup>1</sup>

Realizar Animação Vocacional pressupõe um caminho de desafios, pois estamos lidando com uma ação cuja principal finalidade é contribuir para as opções que as pessoas buscam. Se essa pastoral trata exatamente desta questão, já podemos concluir que existe um caminho muito desafiador a ser percorrido, pois, como consagrados/as, somos convocados/as a contribuir com os jovens em seu grande mistério de opção de vida. Eis que podemos dizer que isto é uma grande missão para os/as consagrados/as; por essa razão, é importante compreender o sentido de atuar com Animação Vocacional.

Podemos recordar, como iluminação, o Evangelho de Lucas 24, 13-35. Jesus nos mostra o passo a passo para desenvolver um itinerário vocacional. Inicialmente se aproxima dos discípulos, tem desejo de conhecer os discípulos, com paciência faz o grande exercício de escutar, corajosamente questiona os discípulos no momento certo, assume o compromisso de caminhar com eles, na intimidade da relação senta à mesa, partilha o pão e acontece a revelação. Este é o nosso passo a passo para o trabalho com Animação Vocacional. Eis que o grande desafio para a Vida Religiosa Consagrada (VRC) é fazer essa travessia, romper as barreiras dos pré-conceitos, sair ao encontro como nos estimula o papa Francisco.

1 Nascido em Aracoiaba/CE, seus familiares vivem em Fortaleza/CE. Irmão Marista, reside em Brasília/DF, atua há 6 anos no acompanhamento da Animação Vocacional da Província Marista Brasil Centro Norte. É bacharel em Teologia e estudante de psicologia na Universidade Católica de Brasília.

Para isso é fundamental e necessário que entendamos a realidade juvenil atual, cercada de novidades. Este entendimento exige de nós como animadores vocacionais iniciativas nos estudos, vivência nas realidades, compreensão de diferentes contextos, análise de casos e, sobretudo, disposição pessoal para vivenciar uma experiência de acompanhamento e, assim como fez Jesus com os discípulos de Emaús, pensar se estamos dispostos a nos aproximar deles. Caminhar com eles? Escutá-los, questioná-los, respeitá-los, comungar com eles e compartilhar valores da vida? São questionamentos que nos ajudam a vivenciar um profundo caminho de descoberta vocacional com os jovens dos tempos atuais. Eis que este processo não é fácil de ser realizado, porque nos desestabiliza, nos desafia.

Diante desta reflexão inicial é que aponto algumas perspectivas relacionadas aos desafios em nossa missão de animar as vocações. São desafios que nos tocam e, ao mesmo tempo, muitos de nós já os superamos, o que pode ser uma reflexão para nos ajudar interiormente a avaliar nossa caminhada e nossa forma de atuar com Animação Vocacional.

## **1. Cuidar e valorizar o sentido da própria vocação (reencontrar sempre o primeiro amor)**

Quando refletimos sobre opção de vida, tocamos no tema das escolhas que muitos de nós fazemos. Fazer opção na vida é uma ação muito séria, que muda todo o rumo da nossa história. As companheiras e companheiros que optam pelo seguimento de Jesus por meio da VRC sabem que este caminho é bem desafiador, pois, além da responsabilidade da opção, há o confronto entre as dimensões pessoais e a vivência do que é institucional ou canônico. Existe, no entanto, uma conversão pessoal que nos impulsiona a dizer sim e a viver com intensidade nossa opção.

O livro *A Teologia da Vida Consagrada* fala sobre a conversão do coração. Segundo ele, “basicamente, a conversão do coração é o movimento de um estado de pecado para um estado de graça. É uma opção por deixar um estado de coração de pedra por um estado de coração de carne, com a intenção de viver a consagração com mais intensidade”. (Kearns, 1999. p. 92)<sup>2</sup>

---

2 Kearns, Lourenço. *A teologia da vida consagrada* / Lourenço/Kearns, Aparecida/SP: Editora Santuário. 1999. (coleção claustro, 4)

A opção pela consagração tem seus desafios, mas também suas belezas. Encontra-se isso na vivência em comunidade, na experiência de missão e na entrega ao serviço da Igreja. O passo de chegar a essa opção tem a ver com encanto, com identificação, com atração, e isso faz com que a pessoa chegue ao ponto de ter coragem de seguir em frente, buscar, aprofundar e viver profundamente o que a encantou.

Eis o grande desafio, entender que esse encanto precisa ser cultivado, precisa ser regado no amor, precisa ser estimulado a crescer. Porque, em muitas situações, o ativismo da vida e a correria dos afazeres do dia a dia nos fazem esquecer das primeiras motivações, dos primeiros sentimentos que motivaram a pessoa a seguir com esta opção. Uma forma de valorizar e superar esse desafio é valorizar a opção que se faz e cultivá-la, dando sentido à escolha que se fez.

## 2. Compreensão do contexto e realidade juvenil

Como refletimos no início, é importante compreender o contexto e a realidade juvenil, justamente porque é nesta realidade que brota a vocação. De fato, a VRC tem tomado distância das juventudes e este desafio é cada vez mais evidente e concreto na realidade atual. O próprio papa Francisco nos alerta por meio de sua Carta Apostólica em preparação ao Sínodo dos Bispos. Intitulada “os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, a Carta nos provoca a uma presença significativa, profética e atuante entre os jovens.

Várias pesquisas mostram como os jovens sentem a necessidade de figuras de referência próximas, creíveis, coerentes, honestas, bem como de lugares e ocasiões nos quais colocar à prova a capacidade de relação com os outros (adultos ou coetâneos) e afrontar as dinâmicas afetivas. Buscam figuras capazes de exprimir sintonia, encorajamento e ajuda para reconhecer os limites, sem fazer pesar o juízo. (Papa Francisco em Sínodo dos Bispos, 2017. p 25)<sup>3</sup>

O fato é que o grande desafio do distanciamento das juventudes nos aproxima cada vez mais da falta de vocações para a VRC. Se há opção para esta vocação específica é porque há uma presença de qualidade no meio dos jovens. Portanto, o apelo do Papa é que saíamos dos nossos grandes muros, saíamos do nosso comodismo, da nossa preguiça,

---

3 Exortação apostólica *Amoris Laetitia*, Papa Francisco. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, sínodo dos bispos, 1ª edição, 2017

da nossa falta de consideração pelos jovens. E entre eles, saibamos dar testemunho da nossa opção, saibamos conduzir com amor nossa presença cativante e arrastadora de sentido. Saibamos atrair os jovens para seguirem Jesus, por meio do nosso testemunho.

A crise de vocações está relacionada a este contexto. Precisamos estar presentes, e não é qualquer presença, precisa ser de qualidade, de envolvimento, de compromisso e sobretudo que desperte os jovens a perceberem, em nossa missão, possibilidade de também doarem suas vidas. É neste desafio que precisamos focar nossas vidas, afinal os carismas idealizados por muitos fundadores precisam ser renovados, precisam ser atualizados no contexto de hoje; para tanto, precisamos ter coragem, seguir em frente e sermos sinais de esperança na vida de muitos jovens. Esta coragem nos impulsiona ao exercício da criatividade, que nos torna uma presença diferenciada, inovadora, aberta e sinal vivo de possibilidades de escolhas para muitos jovens da realidade atual.

### 3. Desenvolver itinerário vocacional

Para vivenciar um caminho profundo na Animação Vocacional, é necessário que se tenha tempo, tempo suficiente para vivenciar um profundo itinerário, onde o/a vocacionado/a tenha possibilidade de aprofundar dimensões e valores fundamentais para a sua vida e também tenha consciência, maturidade e coragem para viver um projeto de vida. Um grande desafio para os consagrados/as nos tempos atuais é desenvolver um itinerário vocacional que seja profundamente recheado de processos, contendo valores, discutindo temas, vivenciando dinâmicas, refletindo textos bíblicos, focando no projeto de vida, com tempo, tempo especial que proporcione ao/à vocacionado/a vivência intensa de todos os processos planejados. Como nos diz José Lisboa<sup>4</sup>,

Os passos da Animação Vocacional revelam a necessidade do itinerário vocacional. O acompanhamento vocacional das pessoas chamadas realiza-se ao longo de um caminho e não pode ser fruto de um momento isolado de decisão. Este caminho se desenvolve por etapas, permitindo que, aos poucos, o vocacionado ou a vocacionada tomem consciência da vocação e se abram para a missão. A fidelidade ao itinerário vocacional facilita uma visão mais realista do processo vocacional e possibilita o desenvolvimento sadio das capacidades, dos dons pessoais, dos carismas, levando a pessoa a seguir firme na direção do ideal a ser cada vez mais abraçado. (Lisboa, 2003 p. 83)

4 OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. Evangelho da vocação; dimensão da evangelização. Ed Layola, São Paulo, 2003.



Para quem atua com Animação Vocacional, é importante compreender este universo pelo qual percorremos, é importante sobretudo comungar da importância de que é necessário despertar, discernir, cultivar e acompanhar. Viver estas etapas sinaliza a importância de um grande itinerário, capaz de apontar caminhos para o vocacionado, capaz de refletir o sentido da vida, a importância das escolhas, a responsabilidade pelo que se deseja e o compromisso em construir um projeto pessoal de vida.

Vivenciar um itinerário nos desafia como animadores vocacionais a, junto dos jovens, assumirmos o compromisso de acompanhá-los. Acompanhar significa fazer caminho significativo e de profundo caminho de busca. É neste sentido que se torna importante a elaboração de um projeto pessoal de vida, elemento fundamental no qual os/as vocacionados/as vão sinalizando dados fundamentais em relação à história pessoal, sua subjetividade e também seus desejos futuros.

#### 4. Gestão e condução dos processos

A prática de gestão em Animação Vocacional exige uma significativa organização na forma de trabalhar. Toda organização tem uma estrutura a ser pensada, o que vai exigir mobilidade, investimento, técnica, profissionalismo, estratégias, metas, objetivos e organização de equipe. O desafio para as instituições religiosas está justamente em compreender que a organização técnica é necessária, ou seja, não se faz mais Animação Vocacional sem uma estrutura pedagógica, financeira e organizacional que garanta acompanhamento sistemático de todos os processos.

Um primeiro passo para garantir esta organização é pensar em uma pessoa que possa estar totalmente disponível a este serviço; por isso, é fundamental antes de tudo analisar se existem condições de disponibilizar uma pessoa que possa ser a liderança principal, o/a responsável para encaminhar as demandas e responder pela Animação Vocacional. Essa pessoa deve ter perfil adequado e conseqüentemente consciência de sua missão, considerando algumas dimensões importantes para o perfil dessa pessoa:

**Disponibilidade:** deve estar totalmente liberado/a e nomeado/a pelo seu superior (coordenador) para atuar na Animação Vocacional. Esta disponibilidade garante que a pessoa tenha tempo para pensar elementos fundamentais ao seu trabalho, tais como organização da equipe, construção de um plano de animação vocacional e o formato de acompanhamento dos/as vocacionados/as.

**Capacidade de encantar outras pessoas:** pessoa que tenha bom relacionamento, que seja próximo dos outros e saiba dialogar mesmo com os desafios geracionais e culturais.

**Estabelecer parceria com outras instituições:** é aquele ou aquela que se insere nos processos em nível eclesial, tem conhecimento do que a Igreja está realizando na dimensão vocacional, envolve-se e analisa as possibilidades de parcerias, seja com a Igreja, seja com outras congregações religiosas.

**Atenção às realidades juvenis:** é um pesquisador desta área, busca conhecimentos relacionados às juventudes, gosta dessa área e tem paixão pelos jovens; pensa, sobretudo, em processos pelos quais os jovens podem passar no acompanhamento vocacional.

**Feliz em sua vocação:** o/a coordenador/a de Animação Vocacional dá testemunho de sua opção de vida, ele/ela é feliz na escolha que fez, vive com intensidade sua vocação.

**Capaz de conduzir processos:** tecnicamente, o coordenador deve ter noção de gestão. Se por acaso não tiver, a instituição pode garantir-lhe que desenvolva um processo de formação para este fim. Pois, com o desafio de coordenar pessoas e processos, é fundamental que a pessoa tenha habilidade em gestão, capacidade de conduzir caminhos e liderar pessoas.

**Encantamento pela Animação Vocacional e carisma:** é necessário que aquele que está coordenando a Animação Vocacional goste do que faz, se identifique e tenha paixão pelo desafio de acompanhar as vocações.

**Responsabilidade:** o Animador vocacional assume a responsabilidade por todos os processos, os que estão numa instância louvável, sendo feitos com esmero, e até mesmo os que não estão bons, dando-lhe a possibilidade de avaliar e recomençar o acompanhamento.

Neste sentido, podemos pensar no que pode ser fundamental para a construção de um trabalho estratégico com Animação Vocacional. No âmbito da construção de uma cultura vocacional, o coordenador precisa se atentar de que ele não está caminhando sozinho, existe um grupo com o qual ele pode contar e ajudar no acompanhamento local.

Para tanto, deve existir uma fonte teórica na qual se coloca todo o foco de trabalho. Podemos chamar este material de diretrizes ou orientações, que estrutura a base do todo, apontando dimensões teóricas e práticas, para assegurar e fundamentar a ação do coordenador e equipe vocacional.

Outros materiais fundamentais são o Plano de Animação Vocacional, o Itinerário e o Planejamento de Ação, conforme reflexão abaixo:

**Plano (o que é?):** documento referencial para todas as comunidades, com a função de orientar, assegurar toda a proposta e dinamização e todos os trabalhos da Animação Vocacional. O plano deve apresentar a dimensão teórica e a dimensão prática, claras, objetivas e concretas de todo o processo.

**Itinerário (o que é?):** percurso que se deseja fazer com os vocacionados. Projetos, ações, atividades concretas. Deve ser claro para o animador vocacional e também para o vocacionado. Nele contém de forma prática tudo que se deseja realizar no caminho vocacional, levando em consideração a realidade da congregação e o contexto juvenil, considerando as orientações do plano.

**Planejamento de Ação (o que é?):** material exclusivo para quem acompanha os processos nas instâncias provinciais, regionais, locais. Define cronograma de acompanhamento e coloca em prática o que o plano e o itinerário exigem.

Tendo clareza e ciência de todo este caminho, é importante a construção de uma equipe, que pode ser referendada também pelo superior. A equipe ajuda e acompanha todos os projetos e processos, junto ao coordenador geral. Aponto também algumas dimensões necessárias na identidade desta equipe:

- junto ao coordenador, conduz todos os processos;
- reflete a possibilidade junto às instâncias maiores dando força de prioridade à animação vocacional;
- responsabiliza-se pela elaboração de um plano de animação vocacional;
- cria um itinerário de animação vocacional;
- pensa subsídios que possam fortalecer o processo vocacional;
- pensa projetos e ações adequadas ao caminho vocacional;
- estabelece critérios de acompanhamento para os animadores vocacionais;
- cria estratégias e articula como serão vivenciadas;
- define os objetivos, metas e o prazo;
- organiza encontros maiores que fortaleçam os processos vocacionais locais;

- conhece e estuda as realidades locais em relação à animação vocacional;
- visita as bases e motiva os animadores vocacionais locais;
- garante acompanhamento e fidelização dos processos vocacionais.

Um passo importante e fundamental no trabalho desta equipe é a construção do mapeamento de realidade, cujo objetivo principal é saber em que chão está pisando. Com quem se pode contar? Que implicações financeiras aparecem? E que ações já existem nas realidades? Para isso, o roteiro do mapeamento segue como um elemento fundamental ao iniciar um processo técnico de gestão em Animação Vocacional.

As perguntas abaixo são fundamentais para a construção do mapeamento.

- Quais são os lugares onde estamos presentes?
- Quais desses lugares temos possibilidade de iniciar um grupo vocacional?
- Qual é o perfil da juventude deste lugar?
- Que valores e temas seriam importantes trabalhar na Animação Vocacional neste contexto? (Tendo em vista as etapas vocacionais e o sentido de cada uma dentro do itinerário.)
- Existe uma pessoa que pode ser a responsável local? Quem?
- Existe possibilidade de construir uma equipe local?
- De que forma caminhará o itinerário vocacional da instituição?
- Que elementos e materiais podemos usar neste itinerário para ajudar as equipes locais?

Portanto, acreditar que o trabalho vocacional pode ser um bem para a Igreja e para as instituições religiosas exige de nós este esforço para garantir que as demandas sejam bem estruturadas e apresentem resultados satisfatórios. Eis que outro desafio é romper com as antigas estruturas que nos prendem a um modelo de pastoral vocacional que não atende mais à nova perspectiva e aos apelos atuais.

## Conclusões

Creio, ainda, que os maiores desafios estão em renovar todos os dias o nosso encanto, o nosso brilho no olhar e testemunho, além da

nossa paixão e seguimento de Jesus, que se torna coragem e profecia por meio de nossa vivência da própria vocação. A capacidade de organização depende muito do que se deseja enquanto instituição com Animação Vocacional. Quando se foca e se torna prioridade para todos, certamente o trabalho passa a ter resultados qualitativos e eficazes para a Igreja e para a própria instituição.

É fundamental garantir dentro de todo o processo de acompanhamento aspectos humanos e teológicos, sempre em diálogo, justamente porque a Animação Vocacional deseja inicialmente tocar na essência do ser humano e perceber como se dá a manifestação e presença de Deus nesta causa.

### Questões

1. De que forma nos organizamos como Animação Vocacional?
2. Como posso contribuir para que a Animação Vocacional da minha paróquia ou congregação seja organizada de forma estratégica?
3. Como podemos articular de forma prioritária os trabalhos com a Animação Vocacional?



# UMA MULHER RESILIENTE

## MARIA DOMINGAS BRUN BARBANTINI

IR. MARISA INÉZ MOSENA

Bioética e Pastoral da Saúde mobilizam a buscar referências em pessoas que encarnaram um estilo próprio e inovador de ser e que deixaram um facho de luz e um horizonte possível para quem se achega à sua fonte de sabedoria vivencial. Apresentamos Maria Domingas Brun Barbantini, mulher encantadora e resiliente que viveu várias faces da vida possíveis a uma mulher: esposa, mãe, viúva, religiosa-fundadora de congregação religiosa e beata.

O processo de ressignificação dos sofrimentos é parte integrante da vida humana vulnerável e passível de ser ferida. Frente a isto, a dinâmica da fé orante nela expressa a possibilidade da transfiguração e da renovação da vida pela transformação do sofrimento.

Os fatos pontuais da vida de Maria Domingas que, de imediato, evocam a vida de Jesus Cristo, e nos remetem também a Viktor Frankl – sofrimentos extremos – e exemplos contundentes de pessoas resilientes, confirmam a possibilidade de realizar-se uma trajetória humana, repleta de percalços e sofrimentos, sem deixar-se romper e levar pela depressão.

Através da vida de Maria Domingas, constatamos o quanto uma pessoa pode superar-se quando mantém viva a fé e uma espiritualidade encarnada. Nela tem-se um espelho positivo de uma vida pautada pelos referenciais da Bioética, que apontam para a transformação do sofrimento como maturação e recomeço de vida, evitando cair na

---

1 Irmã Ministra dos Enfermos de São Camilo. E-mail: marisainez@yahoo.com.br

depressão, fortalecida pela capacidade de resiliência: sofrimento assumido, confrontado e ressignificado na fé.

A vida humana é um contínuo vir a ser. Nesta trajetória estão presentes as alegrias e os sofrimentos, conquistas e fracassos e o possível recomeço. A grande pergunta que nos colocamos: por que há pessoas que, diante de fatos dolorosos, não os ressignificam e se deixam levar à depressão?

O tema da Resiliência é emergente em nosso tempo e realidade e, ao mesmo tempo, por uma necessidade pessoal de aprofundá-lo. Não deixou de ser uma oportunidade de estar em contato com uma especialista em resiliência: a própria Maria Domingas Brun Barbantini.

## Resiliência uma trajetória

O conceito de resiliência teve origem na Física e “refere-se à habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida”. A partir deste conceito, a medicina, a psicologia e a própria espiritualidade aplicaram-no para definir a maravilhosa capacidade potencial que o ser humano possui para o enfrentamento de doenças, superação dos sofrimentos e retomada de forma saudável de sua vida, refazendo-se com os recursos pessoais e do próprio ambiente, na concepção de Susana Rocca Larrosa, psicóloga Uruguiaia.

Em Maria Domingas, a atitude de resiliência, frente aos desafios do cotidiano, construiu nela uma pessoa capaz de ressignificar seus sofrimentos, identificando-se ao Cristo crucificado a quem ela “elegeu como seu bem, seu único e verdadeiro amor”. Maria Domingas participou do mistério salvífico de Cristo. Ela transcendeu o sofrimento e, à luz da fé e da oração, deixou-se iluminar e transformar por ele. Pela relação orante com Deus tornou-se, para este tempo, uma proposta de ressignificação do sofrimento sem se deixar levar pelos caminhos da depressão. Uma mulher verdadeiramente resiliente.

Brindamos à Vida Religiosa Consagrada (VRC) este tema sempre atual, para que seja um facho de luz a ampliar os horizontes de quem por ela deixar-se iluminar e impregnar.



## **Maria Domingas Brun Barbantini – Uma Mulher Resiliente.**

Uma emoção muito forte, acompanhada de grande admiração, e até reverência, envolve a quem entra em contato com a vida e a história de Maria Domingas Brun Barbantini. Sua vida é o exemplo de uma pessoa poliédrica que viveu as várias facetas inerentes à vida de uma mulher, vivendo de maneira extraordinária as coisas simples do cotidiano.

O diferencial foi a sua fé inabalável frente aos atrozes sofrimentos pelos quais passou, tornando-se, pelo exercício desta mesma, fonte de espiritualidade cristã, um dos modelos de pessoa resiliente. Ela não quebra; ela não se rompe; ela se torna flexível, confia, se abandona, porque se sabe segura no amor de Deus, que é todo misericórdia e compaixão. Ela se experienciou amada por Deus. Esta atitude existencial a fez ser diferente e, por isso mesmo, tão fascinante e atraente, tornando-se um exemplo de vida, de geração em geração. Ela é, ao mesmo tempo, uma pessoa extremamente humana, bioética e resiliente.

Segundo a teóloga Bernardete Violini, MI, Madre Maria Domingas se situa entre as grandes mulheres da primeira metade do século XIX, na Igreja e na sociedade. (VIOLINI, 1986, p.7). Nascida em Lucca – Italia, em 17 de fevereiro de 1789, filha de Pedro Brun e Giovana Granucci, Maria Domingas ficou órfã de pai aos 12 anos de idade, tendo, a partir disso, crescido sob a orientação afetuosa e inteligente da mãe, que soube imprimir na filha as mais belas virtudes cristãs, tornando-se um exemplo de resignação e santidade diante das adversidades, com as quais se deparou durante toda a vida.

### **O casamento, uma etapa do itinerário de Deus**

Ao alcançar a juventude, destacou-se como uma mulher brilhante, muito bela, generosa e cheia de zelo cristão. Foi nesta época que se enamorou do jovem Salvador Barbantini, que, após nutrirem grande amor um pelo outro, este pediu-a em casamento.

O seu casamento realizou-se no dia 22 de abril de 1811. No limiar do sexto mês de casamento, este projeto de amor foi quebrado pela morte súbita do seu esposo muito amado, a 6 de outubro de 1811. A inesperada e prematura morte de Salvador rompe as perspectivas de

Maria Domingas, que fica viúva quando ainda não havia completado 23 anos de idade e, mais ainda, à espera de um filho. (VIOLINI, 1986, p.22)

Viúva e à espera de uma criança, que viria a morrer aos oito anos de idade, Maria Domingas foi novamente atingida pelo sofrimento e pela angústia. Esquecida de si mesma, ela não se perde em um sumário de lembranças, mas permanece firme à ação presente, que é a maneira mais verdadeira de vivenciar e acolher o aparente silêncio de Deus. (VIOLINI, 1986, p.25)

## Maternidade – uma experiência em vista do projeto de Deus

No dia 14 de fevereiro de 1812, Maria Domingas disse: “quase prodigiosamente”, nasceu o filho Lorenzo a quem ela acolheu como “um dom do céu”. Maria Domingas participa totalmente do destino do filho, o acompanha, o educa, transmitindo-lhe a riqueza humana e a extraordinária sensibilidade religiosa. (VIOLINI, 1986, p.26).

Maria Domingas acompanha deslumbrada o crescimento e o desenvolvimento do filho e entrevê nele um futuro brilhante: “As qualidades naturais deste querido objeto do meu amor não eram comuns. Parecia que Deus o havia enriquecido de tantos talentos e de tão admiráveis dotes de espírito e de corpo para compensar-me, em parte, pela dolorosa perda, depois de apenas cinco meses e quatorze dias de matrimônio” (Autobiografia, 1993, p.12).

Ao exaltar as qualidades do Filho, ela faz um elogio ao Doador da Vida de quem reconhece tê-lo recebido – “de fato, na proporção que nele se desenvolviam a reflexão e a razão mostrava uma paixão extraordinária ao estudo e uma memória tão feliz que, com apenas quatro anos de idade sabia responder a todas as perguntas que, pelo prazer de ouvi-lo, as pessoas faziam frequentemente sobre a Sagrada Escritura. Aos sete anos, já sabia escrever corretamente o latim e um pouco de francês” (Autobiografia, 1993, p.12).

Enquanto o filho crescia, Maria Domingas não era alheia aos acontecimentos da época. Como algumas mulheres viúvas, Maria Domingas pôs em prática seu espírito empreendedor. “A pedido do seu diretor espiritual, Pe. Andrea del Prete, em 29 de junho de 1819, fundou a Pia União das Irmãs da Caridade, em Lucca, com algumas senhoras

que, sem outros compromissos, desejavam dedicar sua vida a Deus no serviço aos doentes e pobres. Como o espaço da casa estava ficando apertado, pelo aumento do número de pessoas que ingressavam (Autobiografia, p.13), ela queria lhes dar melhores condições de vida, mas sentia-se dividida entre os vários afetos, uma vez que precisava pensar no futuro de Lorenzo. Então, diz Maria Domingas, “foi nesta ocasião que experimentei o doloroso sentimento: [...]“Tu não terás mais filho e então poderás efetivamente cooperar na obra de Deus[...]” (Autobiografia, 1993, p.13).

Maria Domingas por vezes pensava que isto era fruto de sua fantasia, vendo que seu filho gozava de ótima saúde. Continua Maria Domingas: “um dia, falava a respeito deste assunto com meu confessor, na esperança de receber dele algum conforto para aquele sentimento por demais doloroso que me perseguia como se fosse tentação;” o conforto que esperava, diz Maria Domingas, foi, porém, o de tornar mais cruel o seu sofrimento: “Deus deu a você este filho; confiou-o por um tempo, para que você cuide dele e o eduque para o céu”. “Assim falou ele e eu fiquei sem condições e forças para dar-lhe uma resposta” (Autobiografia, 1993, p.13).

## O cadinho da provação

O tempo foi passando e “chegou o dia fatal... o dia mesmo que escrevo estas linhas, 29 de junho de 1820, Lorenzo na idade de oito anos e dois meses. Sua doença foi de trinta e oito horas, que eu passei presa a seu leito e com qual angústia de coração você pode imaginar, mas eu não poderei exprimir” (Autobiografia, 1993, p.14). No momento da perda do seu único e amado filho, ela consegue pronunciar palavras sangradas do coração, mas regadas de fé e aceitação: “Beijo aquela mão que me feriu a ponto de tirar sangue.” Diante deste momento fatídico, Violini diz que, como a Virgem das Dores aos pés da Cruz, também Maria Domingas, naquela prova suprema para um coração de mãe, intui que o seu sofrimento lhe abre horizontes mais amplos, para uma nova maternidade: “também no amargo daquele sofrimento não conseguia formular outro projeto a não ser o de me entregar totalmente e tudo o que possuía para aliviar as pobres enfermas” (1986, p.32).

O coração compassivo desta mãe foi, como que transpassado por uma espada de dor, de tal maneira que ela não encontrou palavras para expressá-la. E, apesar disso, jamais se vislumbrou nela qualquer resquí-

cio de revolta. Pelo contrário; intensifica os propósitos firmados pela ocasião da morte do marido e entrega-se total e incondicionalmente ao serviço dos pobres, pacientes e infelizes. A sua maternidade humana “amputada” desenvolve-se numa maternidade mais profunda, santa e universal (VIOLINI, 1986, p.32).

Não obstante as graves perdas, que abalaram profundamente Maria Domingas, não somente na alma e no espírito, mas também em seu corpo, a missão de socorrer os doentes e sofredores, juntamente com aquela união de senhoras continuou. Maria Domingas revela o quanto a fé e a busca interior, com Deus, são integradoras do sofrimento, por mais que pareça impossível a superação, dando uma sensação de que tudo acabou. Ela, como Maria ao pé da Cruz (Jo,19,25), revela que o impossível humano é o possível de Deus, para quem se dispõe “a dar um salto no escuro”. Esta é uma profissão de fé e o reconhecimento de um Deus amor, mesmo em meio à tão dura e grande prova de sofrimento: “Tu serás único, meu Cristo Crucificado, serás o meu bem, doravante meu único e verdadeiro amor, a minha única delícia” (VIOLINI, 1986, p.23).

Em outro episódio, quando foi traída pela palavra do Reitor do Seminário, que não foi fiel com o contrato que haviam falado, Maria Domingas revela a intensidade do sofrimento e como se capacita a enfrentá-lo numa atitude resiliente “[...] estes e outros pensamentos me fizeram experimentar com antecedência tudo aquilo que depois tive que sofrer de mais angustiante e penoso. Chorei e rezei como uma criança que pede para fugir de um suplício [...]” (Autobiografia,1993, p.16).

## Silêncio, contemplação e escuta – eis a resposta

Maria Domingas poderia perguntar pelo porquê do seu sofrimento, ante as perdas dos seus entes mais queridos. Mas nela o silêncio fala de uma sintonia com o Cristo crucificado a quem ela “elegeu como seu bem, seu único e verdadeiro amor”. Aqui podemos perceber Maria Domingas assumindo o sofrimento, à semelhança de Jó, antes ainda, entrando para participar do mistério salvífico de Cristo. Ela transcende o sofrimento e, à luz da fé e da oração, deixa-se iluminar e transformar por ele.

Com o referencial da Cruz é que podemos perceber a transformação que foi ocorrendo em Maria Domingas, a qual foi lendo, nos acontecimentos os mais contraditórios e de toda ordem, a presença

de Deus, que lhe foi conduzindo pelo caminho da Cruz, que é o caminho do amor para todo ser humano. Aqui tem lógica a súplica de Maria Domingas a Deus, pedindo uma dupla espada – a da dor e a do amor, pois uma não subsiste sem a outra. E não se trata de masoquismo, mas do conteúdo central do mistério de nossa redenção realizada plenamente em Cristo, que assumiu em sua missão, dor e amor, para a nossa redenção

Quando Maria Domingas se encontra em sofrimentos que lhe abalam profundamente, contempla o crucificado e “sente que não está sozinha em sua dor, que há Alguém que vai junto, até as trevas mais profundas, até a solidão e o abandono da cruz, até a mais extrema impotência da morte.” (GRÜN, 2010, p.117)

A carta apostólica de João Paulo II sobre o sentido cristão do sofrimento humano – *Salvifici Doloris* – nos aponta para a revelação do amor divino, fonte última do sentido de tudo aquilo que existe – “O amor é também a fonte mais rica do sentido do sofrimento que, não obstante, permanece sempre um mistério [...] Cristo introduz-nos no mistério e nos ajuda a descobrir o “porquê” do sofrimento na medida em que nos formos capazes de compreender a sublimidade do amor divino” (João Paulo II, 1984, n.13,p.22).

João Paulo II continua a reflexão dizendo que “para descobrir o sentido profundo do sofrimento, seguindo a Palavra de Deus revelada, é preciso abrir-se amplamente ao sujeito humano com as suas múltiplas potencialidades.” [...] O amor é ainda a fonte mais plena para a resposta à pergunta sobre o sentido do sofrimento. Esta resposta foi dada por Deus ao homem na Cruz de Jesus Cristo (João Paulo II, 1984,n.13,p.22).

Pouco tempo depois da morte do fruto de suas entranhas, Maria Domingas foi chamada, pelo seu diretor espiritual, para providenciar a construção de um mosteiro para as Irmãs da Visitação de São Francisco de Salles, em Lucca. E, ao mesmo tempo, os pobres enfermos abandonados de sua cidade tornam-se objeto de seu prometido amor. Não consagra somente sua ternura aos que sofrem, mas exprime também diversas atitudes concretas de misericórdia, sempre absolutamente unida e guiada pela Santa Igreja de Cristo, que ama com uma afeição filial, servindo-a com ardor extremo. Maria Domingas faz seu o que Jesus disse: “tudo o que fizerdes ao menor dos meus irmãos, a mim o fizeste” (Mt. 25,40). Ela busca, encontra, ama e serve a cada pessoa pobre, enferma, abandonada, como sendo ao próprio Cristo.

Dotada de qualidades específicas, participa em Lucca das atividades do Mosteiro de Santa Maria da Visitação, destinado à educação dos jovens; é incumbida de organizar a catequese, e sua dedicação permite que venha a fundar um instituto para as crianças abandonadas. Por tamanha dedicação e destaque, foi-lhe confiada a responsabilidade de reforçar e também reformar diversas atividades apostólicas e educativas.

Maria Domingas, no contexto histórico-cultural em que viveu, no qual a mulher somente podia andar nas ruas acompanhada pelo marido ou ficar dentro de um convento, desafiava os tempos, as estruturas e todo tipo de crítica e contradições, para ir em busca “do seu Cristo humano e sofredor, nos doentes que só eram reconhecidos pelos gemidos, tão desfigurados e chagados. Segundo VIOLINI, “a assistência a domicílio, além de ser um paliativo de emergência, torna-se um fenômeno do progresso social” (1986, p.75).

## A menina dos olhos de Maria Domingas

Porém, o que efetivamente marcou sua vida, e que a definiria como verdadeiro dom de Deus, em favor da humanidade, seria a fundação do Instituto Religioso das Irmãs Ministras dos Enfermos de São Camilo – camilianas. Tal projeto teve início no ano de 1829 quando, reunindo em torno de si algumas jovens donzelas pobres, em sua maioria doentes, de saúde frágil, realizou prodígios de caridade à cabeceira dos pobres moribundos e abandonados, carisma maternal que atraiu uma grande quantidade de outras jovens àquele grêmio de apostolado cristão.

A obra atravessou décadas, com diversas moças aplicadas e dedicadas ao apostolado santo das regras escritas pela fundadora. Finalmente, no dia 5 de agosto de 1841, o arcebispo da cidade de Lucca aprovou a Regra escrita por Maria Domingas e erigiu uma comunidade em Instituto Religioso Diocesano. Mulher de fé, sempre empenhada no cumprimento e realização concreta da vontade de Deus, Maria Domingas impôs-se na história como sinal profético dos novos tempos. Ainda naquele ano, o Santo Padre dirigiu-se às mulheres, pedindo que fossem “educadoras da paz”, indicando nela uma proposta de vida e modelo à mulher de hoje, diante de seu exemplar modelo de esposa e mãe amorosa, fundadora e religiosa, virtuosa, de soberana espiritualidade (VIOLINI, 1986, p.55).

Para a continuidade de sua missão, tão querida por Deus, Maria Domingas ao escrever “as regras de vida da Congregação das Irmãs,

por ela fundada sob o impulso do Espírito Santo, passa este carisma como um legado a elas:

[...] seguidoras do Crucificado e filhas da Mãe das Dores, vamos ao mundo da humanidade sofredora para anunciar a vitória de Cristo sobre o mal, sobre a dor e sobre a morte. Testemunhas da sua ressurreição queremos infundir em cada ser que sofre a alegria pascal daquele que veio aos homens “para que tenham vida e tenham em abundância (Constituição art.12, p.23).

Maria Domingas entregou sua alma a Deus no dia 22 de Maio de 1868, sempre consciente, deixando suas últimas palavras escritas e gravadas no coração de suas “filhas espirituais” como um testamento sempre atual. O papa João Paulo II a beatificou no dia 7 de maio de 1995. As Palavras de João Paulo II ecoaram fortes na Praça São Pedro: “a quem compararemos a nova Beata? À Imagem atual do Bom Pastor! Ela deixou às suas filhas espirituais uma herança e uma missão mais do que nunca atual e preciosa. Um amor evangélico concreto pelos últimos, pelos marginalizados e pelos que vivem cobertos de chagas; um amor feito de gestos de atenção e de consolo cristão, de generosa dedicação e de incansável proximidade em relação aos doentes e aos que sofrem. Nesta tarefa apostólica e missionária resplandecem a força e a verdade das palavras de Jesus, que pede para ser amado e servido nos irmãos famintos, sedentos, nus, forasteiros, doentes e prisioneiros.

É admirável como Maria Domingas, apesar de tantos sofrimentos, abraça uma vocação que será para ela a identificação com o próprio amor de sua vida: Cristo e Cristo Crucificado. Em sua opção, Maria Domingas foi traçando, sem saber, como seria a continuidade de toda a sua vida: Cristo crucificado e ela, uma única paixão. Muitas seriam as provações e sofrimentos aos quais Maria Domingas seria submetida, identificando-se cada vez com o “seu” Crucificado.

## Concluindo

A partir do conhecimento desta grande heroína da caridade, a Beata Maria Domingas Brun Barbantini, podemos concluir que a resiliência é uma atitude interior, que cresce à medida que a pessoa faz dela uma ferramenta de enfrentamento para erguer-se sempre de novo, de situações às vezes impossíveis humanamente falando, mas possíveis com Deus.

A Criatura nova que emerge das experiências de dor e sofrimentos é o prêmio que acompanha uma pessoa que exerce a resiliência, dela se utiliza nas vicissitudes da vida, segundo Alexandre Martins, buscam pela transcendência o sentido da própria existência [...]. (MARTINS, 2009, p. 58). Isto não se aplica apenas a questões de saúde-doença, mas a todos os eventos da contingência humana. Isto nos revela Maria Domingas nas vicissitudes da vida pelas quais passou. Ela é protagonista de uma vida resiliente. Significa a capacidade de ser resiliente no enfrentamento de novos eventos dolorosos, quais sejam as perdas de pessoas significativas, de situações pessoais limites.

A pessoa resiliente assume uma mística capaz de atribuir significados tanto à dor quanto ao sofrimento, tornando-se capaz de superá-la, a partir da leitura de outras experiências superadas. De cada nova experiência sofrida, enfrentada e superada, a pessoa se torna mais e mais capaz de ser resiliente, quando ela tem um objetivo, uma razão para viver e ser.

No silêncio da oração e no trabalho interior teciam a ressignificação do sofrimento. Maria Domingas afirma que estas suaves e consoladoras reflexões a tornavam indiferente a todos os acontecimentos até os mais opostos à sua índole e aos seus interesses particulares (1993, p.14).

Maria Domingas ressignifica o sofrimento sem ficar presa a ele. O sofrimento é passagem necessária para o amadurecimento humano. Anselm Grüm nos ajuda a entender o processo de transformação que ocorre em Maria Domingas, quando ela aceita o seu sofrimento, o reconhece, admite ser o seu sofrimento e se deixa transformar pela Cruz de Jesus. Ela realiza o processo de ressignificação do sofrimento na dimensão horizontal (imane) e vertical (transcendente). Ambas se completam na formação da pessoa resiliente:

[...] Não podemos nos desfazer dessa tensão. É preciso suportá-la, pois é um elemento essencial de nossa existência. (2010, p.106) [...] Não podemos excluir os opostos e as contradições em nós. Chegamos à nossa integridade somente quando interligamos e suportamos estes opostos e contradições dentro de nós. A cruz impõe ordem à nossa contrariedade (2010, p.107).

Para concluir que alguém possua a capacidade de resiliência, é necessário que não somente sobreviva às adversidades, mas aprenda com o sofrimento, tomando este a seu favor como um fator para o crescimento e fortalecimento pessoal (PESSINI, 2010, p. 142). Enfim,



ser uma pessoa resiliente é dançar a dança dos sofrimentos e das contradições no ritmo da fé e da ressignificação, com o olhar focado em Jesus Cristo e em Nossa Senhora das Dores, os quais enfrentaram de pé o itinerário de vida.

### Alguns questionamentos

1. Como o tema da Resiliência pode interpelar a Vida Religiosa Consagrada diante de sua vocação profética como testemunho ao nosso tempo?
2. Que elementos iluminam e questionam os sofrimentos do cotidiano da vida e da missão pessoal e comunitariamente?
3. Pessoalmente, a vida da Beata Maria Domingas contribui para um novo posicionamento e ressignificação dos sofrimentos como consagrada religiosa?

### Referencias bibliográficas

- BARBANTINI, Maria Domingas Brun. Autobiografia. Tradução: Celite Maria Frare e Teresa Salvagni. SÃO LEOPOLDO: UNISINOS, 1993, 84 p.
- GRÜN, Anselm. A Cruz: a imagem do ser humano redimido. Tradução de Monika Ottermann. 3. Ed. São Paulo: Paulus, 2009, 123 p.
- FRANKL, Viktor. Em busca de sentido - Um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline - São Leopoldo: Sinodal, 1987, 174p.
- JOÃO PAULO II. Carta Apostolica Salvifici Doloris. O Sentido Cristão do Sofrimento Humano. São Paulo: Paulinas, 1984, 70 p.
- ROCCA LARROSA, Susana. M. Resiliência. Elo e sentido. Revista do Instituto Humanitas. 241. Ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2009, pp. 17-21.
- VIOLINI, Bernadetta. A Espiritualidade Da Serva De Deus Maria Domingas Brun Barbantini. Tradução de Tomasina Gheduzzi. Porto Alegre: Dom Bosco, 1988, 201p.



# EVANGELIZAÇÃO NAS VILAS E FAVELAS

DOM VICENTE DE PAULA FERREIRA, C.Ss.R.

Enfraquecida a época da cristandade, das verdades hegemônicas, com o advento da secularização e de uma sociedade plural, a fé cristã é lançada numa itinerante busca pela sua singularidade. Desafio grande diante da diversidade dos cenários culturais e religiosos contemporâneos. Como fazer a novidade do Evangelho chegar ao coração das pessoas numa promoção integral do ser humano? Como construir caminhos de nova evangelização em cenários religiosos frágeis, com vestígios de um cristianismo arcaico, fugindo de uma doutrinação que já não suporta a sedução de tantas ofertas contemporâneas? No caso específico da América Latina, como superar a difícil esquizofrenia de um continente de muita devoção e pouca justiça social? Responder aos apelos de Francisco quando pede ousadia e criatividade na “tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades” (EG 33), não se restringe às iniciativas isoladas; é compromisso de todo batizado.

Os questionamentos são ainda maiores ao entrar nas vilas e favelas. Saltam aos olhos uma sociedade em contínua transformação, complexa, polissêmica. Contexto social no qual as pessoas se vinculam a realidades diversas, que misturam boa vontade com violência, religião com exploração, convivência fraterna com focos de domínios perigosos,

---

1 Doutor em Ciência da Religião e pós-doutor em Teologia; bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, coordenador do Vicariato Episcopal para Ação Missionária nas Vilas e Favelas, Vale do Paraopeba e Igrejas Históricas e Barrocas.  
Endereço: Avenida Brasil, 2079 11º Andar - Bairro Funcionários, CEP: 30140-002 - Belo Horizonte-MG. E-mail: domvicente@arquidiocesebh.org.br

alegria das boas festas com a presença generalizada das drogas, fertilidade de vida explícita na grande presença das crianças com o alto índice de mortes prematuras. Inserir-se nesse contexto sem propostas alienantes, mas com a mensagem genuína de Jesus, que anuncia o Reino de Deus, não é tarefa simples. E nem mesmo pode ter pretensões de respostas imediatas e únicas. Ao serem abordados pontos que mesclam fundamentação teórica e práxis, fica esclarecido que o presente artigo está permeado por uma experiência específica, a inserção nas vilas e favelas da Arquidiocese de Belo Horizonte.

## 1) Superando preconceitos

O cristão que se dispõe a ser Igreja, com os pobres, percebe a necessidade de constante conversão pastoral, sem a qual tudo pode parecer muito desgastante e infrutífero. Confiança no absoluto de Deus, presente na força do Espírito, que atua nas feridas humanas, é elemento essencial. Sem essa atitude mística, surpreendente, que coloca todos diante da convicção de que o reinado é de Deus, e de que Ele é mistério que transborda nas realidades mais insignificantes, o amor oblativo será um ideal insustentável. Sem caridade, núcleo central da fé cristã, que levou São Paulo a afirmar que sem ela tudo mais perde o sentido, a evangelização será superficial. Não tocará o drama concreto das pessoas. Ainda que os resultados sejam importantes, o Reino de Deus não se constringe pelas estatísticas. E o pobre também não é número perdido na massa; ele tem corpo, história, desejos, é gente. A favela não se resume a simples cenário geográfico. Em seu coração encontra-se a trajetória de milhares de pessoas.

Se o batismo confere dignidade a todos para que testemunhem Jesus Cristo, na força do Espírito, o protagonismo dos leigos deve ser levado a sério. A riqueza da Igreja encontra-se precisamente na diversidade dos dons que o Espírito concede. E eles devem ser reconhecidos, inclusive num processo de evangelização descentralizado, participativo, em comunhão. Estilo que evita a pretensão das verdades prontas e reforça a confiança em Deus, inclusive na experiência partilhada da oração. Nesse sentido, a criação de pequenas comunidades apresenta-se como passo importante da nova evangelização das vilas e favelas. Centros de encontros para pequenos grupos refletirem a Palavra, celebrarem, conversarem sobre a vida, tornarem-se amigos e constituírem núcleos de fé e vida.

Comunicar o Evangelho nas vilas e favelas não se faz somente com discursos, mas desde dentro, numa superação de estigmas que ferem ainda mais o que já está ferido. Encontros, diálogos, visitas, celebrações criam movimentos que abrem caminhos. Amar os pobres sem correr riscos com eles, sem festejar suas conquistas, é aventurar-se em atitudes pastorais ineficazes. Além disso, posturas assistencialistas devem dar lugar aos investimentos que promovem a pessoa toda, implicando-a na construção de sua história e da comunidade. No caso dos grupos eclesiais, é visível que o grande sustento da missão nas vilas e favelas é a presença de seus próprios moradores, principalmente no compromisso de criar novas estruturas de solidariedade.

## 2) Mobilidade: elemento urbano fundamental

As grandes cidades, cada vez mais, apresentam uma polissemia de configurações que se modificam rapidamente. Fenômenos que provocam estudiosos dos mais variados saberes. Muitos afirmam que a humanidade vive a época das cidades. “Se atualmente se estima que uns 50% da população mundial se tornou urbana, espera-se que em 2030 se chegue a 80%” (SISTACH, Org., p. 236). Na próxima década, cidades como São Paulo, Shangai, Pequim, Cidade do México e Bombaim terão mais de vinte milhões de habitantes. Apesar da melhoria de vida, há grandes desafios. O tecido social pautado pelo consumismo, eliminando espaços de convivência, são elementos facilitadores da gestação de uma cultura do medo e da violência.

“O homo urbanus se tornou homo mobilis” (SISTACH - Org., p. 240). Por isso, em muitos casos, excluído será aquele que não pode se locomover. De modo que as cidades tornam-se, cada vez mais, dinâmicas e contraditórias. Templo das marginalizações e, ao mesmo tempo, da abertura e da gratuidade. Esses cenários de contradições são geradores de sofrimentos multiformes e de conquistas inusitadas. Estima-se que na América Latina “oito em cada dez habitantes vivem em áreas urbanas, a maior parte nos bairros suburbanos, mestiços e pobres” (SISTACH - Org., p. 275)<sup>2</sup>. Aglomerados, favelas, vilas são cenários para os quais as belezas das grandes cidades ainda não chega-

2 A Arquidiocese de Belo Horizonte tem, hoje, uma população de aproximadamente cinco milhões de habitantes, dos quais quinhentas mil pessoas vivem nas vilas e favelas. O centro de observação para a evangelização estima que do total de 280 comunidades periféricas, 170 não têm uma comunidade eclesial organizada. No seu Projeto Proclamar a Palavra, a V Assembleia do Povo de Deus apoiou a criação de um Vicariato Missionário para vilas e favelas, que começa a ganhar corpo em suas ações missionárias.

ram, restando a vida aberta, construída entre a esperança de milhares de crianças que nascem e a dor da vida jovem, tombada, prematuramente, pelas drogas e outros desafios. Como bem mostra a Campanha da Fraternidade 2018, a maior causa da violência é a injustiça social.

A pluralidade contemporânea solapou qualquer pretensão institucional de reger a vida social, como organização única. Hoje, o painel pós-moderno das grandes cidades goza de uma complexidade que apenas permite visões fragmentadas das tendências sempre em mudanças. Os grandes cenários da vida urbana não possuem princípios reguladores gerais, a não ser a presença de um mercado capitalista voraz que tem como aliados os grandes meios de comunicação. Resta a cada indivíduo, em suas pequenas comunidades de interesse, a tarefa de configurar seu sentido existencial, com suas demandas. Tudo isso obriga o cristianismo a repensar suas formas tradicionais de evangelização. A mobilidade social, grupal e individual põe em cheque as estruturas fixas de como organizar práticas pastorais. O cristão também está jogado nas grandes arenas urbanas.

O Documento de Aparecida resume, muito bem, essa dicotomia das dores e alegrias das cidades, ensinando que Deus vive nas cidades. Se, por um lado, pobreza, violência, exclusão tornam-se grandes desafios; por outro lado, “as cidades são lugares de liberdade e oportunidade. Nelas, as pessoas têm a possibilidade de conhecer mais pessoas, interagir e conviver com elas. Nas cidades é possível encontrar vínculos de fraternidade, solidariedade e universalidade” (DAp, 514). De forma ainda mais inquietante, papa Francisco, citando essa ambivalência permanente, afirma: “com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade em que se vive, pois quem vive nas favelas, nas periferias ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são explorados, mas resíduos, sobras” (EG, 53). Por isso, sua insistência numa Igreja em saída, misericordiosa, nas periferias geográficas e existenciais, como fez o próprio Cristo, movido pelo Espírito. Uma Igreja também em mobilidade.

### 3) Jesus e a Igreja: Reino de Deus como dom e tarefa

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para anunciar a Boa Notícia aos pobres” (Lc 4, 18). Assim as Escrituras apresentam o programa missionário de Jesus. Os Evangelhos não mostram somente suas palavras. Destacam, também, seus gestos, ações, seu estilo de vida. É no envolvimento com os discípulos, no encontro com as pessoas, em suas andanças que a graça do Reino acontece. O modo de ser de

Jesus restitui a dignidade dos filhos, tornando-se uma alegre notícia. Sua metodologia era a itinerância. “Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas deles, pregando o Evangelho do Reino e curando toda doença e enfermidade do povo” (Mt 4, 23). O Espírito conduzia o Filho de Deus por todos os lugares, manifestando a graça de um Reino para o qual o amor fraterno se configurava como fruto primordial.

O termo cidade aparece pelo menos 178 vezes no Novo Testamento. Em alguns casos, designa uma cidade concreta; em outros, região habitada, diferente do deserto ou do mar. Precisamente, nesses cenários, Jesus se encontrava com os afastados do convívio, como era o caso dos leprosos. Em sua época, os pobres ficavam simplesmente fora da cidade. Ao ser recusado em sua terra, Nazaré, por resistência de seus conterrâneos, Jesus anunciou que era preciso ir aos outros povos, revelando o caráter universal da salvação. Entre recusas e acolhimento, Jesus peregrinou pelas cidades. Partiu da Galileia, passando pela Samaria e pela Judeia até chegar a Jerusalém.

O Espírito que agia em Jesus, na manifestação do Reino de Deus, está presente em toda a Sagrada Escritura. É ruah, sopro, poder que cria a vida. “Envias teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra” (Sl 104, 30). Dabar é Palavra de Deus que contem em si a ruah. Na figura dos Juízes, o Espírito atua para salvar o povo em situações críticas. “Os profetas tardios (Amós, Oseias, Miqueias, Isaías e Jeremias) anunciavam o dabar de Deus: assim fala o Senhor” (FRANÇA MIRANDA, p. 31). Na concretude do Jesus histórico, aconteceu a kênosis do Espírito. Ele conduz Jesus até a morte, o liberta da morte e o torna presente na comunidade. “Cristo foi ressuscitado pela ruah de Deus. Esse dado da Escritura proveio das experiências feitas pelos primeiros discípulos com o Ressuscitado” (FRANÇA MIRANDA, p. 33).

A vida cristã é obra do Espírito que recorda Jesus. Espírito de Jesus que faz comunhão em toda a Igreja. A presença atuante do Espírito, dom da Ressurreição, agindo nos fiéis, forma a Igreja. De modo que, cada discípulo e missionário de Jesus é Templo do Espírito Santo, como exprime o Apóstolo Paulo (1Cor 3, 16s; 2Cor 6, 16). “É importante que tomemos consciência dessa verdade em nossos dias: a adesão na fé, a escuta da Palavra de Deus, a oração a Deus, a recepção dos sacramentos, o tipo de vida próprio dos cristãos, a missão evangelizadora da Igreja, tudo isso depende da ação do Espírito Santo” (FRANÇA MIRANDA, p. 35). O Espírito não atua somente na instituição, mas na

diversidade dos ministérios, agindo em todos os membros, impulsionando a irradiação do Evangelho também aos de fora da comunidade.

Toda obra missionária da Igreja somente encontra seu sentido porque, na gratuidade divina, o Espírito recria, ressuscita e continua presente na história. De outro modo, o mesmo Espírito Santo que está na criação, na ressurreição da carne, “inspira e fortalece as ações humanas que denotam originalidade e criatividade, como a inspiração profética, as obras artísticas, a produção poética, a ousadia dos heróis, no carisma dos governantes” (FRANÇA MIRANDA, p. 37). Como critério fundamental de sua presença, é sabido que, quando age, recorda Cristo, ao fazer crescer a caridade. Qualquer manifestação do Espírito Santo que não seja para o crescimento do Reino de Deus, que é, em síntese, Reino de amor, de libertação das feridas humanas, não é Espírito do Senhor. Suas ações são performativas. Assim como, para captar o espírito de Jesus, só foi possível a partir de sua vida histórica, a Igreja também só existe na história, e somente pode ser ícone para a humanidade se transmitir a comunhão entre os irmãos (2 Cor 13, 13).

#### 4) Reforma eclesial: Francisco e os pobres

Uma Igreja missionária descentrada, discípula de Jesus que viveu toda a vida em função do Reino. Isso significa que a Igreja não é o fim, mas o meio, sacramento de salvação no mundo. Seu movimento contínuo deve ser de saída, de ir ao encontro de todas as realidades, principalmente as mais feridas. Toda sua estrutura deve estar a serviço da missão. Elemento indispensável para sua agilidade missionária é a colegialidade. O Papa é sinal de unidade, mas não deve substituir a responsabilidade das Igrejas locais. Ciente de certa volta ao clericalismo, queda do compromisso das Igrejas locais com os mais pobres, Francisco afirma “não convém que o Papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios” (FRANÇA MIRANDA, p. 16).

Assim, a Igreja universal buscará nas Igrejas particulares empenhar-se em sua inserção na pluralidade das culturas. O Evangelho só se torna salvífico quando assumido na cultura, no conjunto de valores, costumes de cada povo, comunidade. Por isso, sua forma de acolhida nunca será uniforme. Nas periferias, todo processo de evangelização que se pretenda realizar, desde fora, será infrutífero. É impossível não estar encarnado para descobrir as potencialidades, como a luta, a arte,



a espiritualidade e também suas sombras como as drogas, a falta de perspectiva dos jovens. Mais que anúncio de regras e dogmas, a fé cristã, nas periferias, tem sua força na dimensão prático-existencial. A realidade se impõe, dramaticamente, sobre as ideias.

O grito dos pobres, nesse sentido, é acolhido por Francisco como prioridade evangélica que convoca todos os cristãos a levar uma vida mais austera e fraterna. Atento aos sinais das culturas contemporâneas, Francisco, em sintonia com o Documento de Aparecida, destaca que todos os batizados são responsáveis pela nova evangelização, mais ainda na periferia do mundo. São os leigos “verdadeiros sujeitos eclesiais” (DAp, 147). Os interlocutores, por excelência, entre Igreja e sociedade. Uma Igreja dos pobres, que adota “um estilo de vida mais simples, austero e solidário, mais fiel à verdade e à caridade” (DAp, 100). Assim, “uma fé autêntica, que nunca é cômoda ou individualista, comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela” (EG, 183).

## 5) Vilas e favelas: prioridade pastoral

O Espírito Santo de Deus sempre transborda seu amor nas realidades limítrofes da vida humana. Toda a história da salvação comprova a dinâmica inusitada, surpreendente da ação salvífica divina entre os pobres. Os personagens bíblicos, quase sempre pessoas da periferia, revelam que o amor de Deus é superabundante. Jesus também viveu essa experiência em sua peregrinação terrestre. “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas a sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos” (Mt 11, 25). Mostrou que a gratuidade do Reino de Deus é acolhida no coração dos simples. Condenou a hipocrisia dos ricos, dos que impõem aos pobres fardos sociais e religiosos.

Isso significa que a Igreja de Jesus deve assumir as periferias como lugar central de sua presença evangelizadora. “Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e um Bispo, modelado segundo a imagem do Bom Pastor, deve estar particularmente atento para oferecer o divino bálsamo da fé, sem descuidar o pão material” (DAp, 550). Mas a Igreja não pode se preocupar somente em oferecer, mas também em aprender com a história das comunidades das vilas e favelas. O documento de Aparecida destacou esse “potencial evangelizador” dos pobres. Desse modo, dentre as mudanças que os tempos

atuais exigem das organizações eclesiais, uma das mais importantes trata-se da mudança de mentalidades que esquecem que o Espírito do Senhor habita o coração das pessoas, em sua piedade popular, na luta pela sobrevivência, na solidariedade cotidiana. Não se deve somente evangelizar os pobres, mas evangelizar com os pobres. Eles são agentes, protagonistas. De fato, só se pode esperar alguma transformação a partir das próprias periferias do mundo. Os ricos não carecem de mudanças, pelo contrário, geralmente usam todo discurso e ação para conservar suas ostentações. Ainda que sejam filantrópicos, dificilmente abrirão mão de suas riquezas em favor dos mais necessitados.

Nesse sentido, os documentos da Igreja são claros, ao insistirem que não existe evangelização sem a estreita conexão entre proclamação da fé e compromisso com a justiça. Infelizmente o cristianismo latino-americano e brasileiro continua convivendo com a dramática esquizofrenia entre fé e vida. O Evangelho de Jesus é fonte de promoção integral, como afirma *Gaudium et Spes*; promove “todos os homens e o homem todo” (76). Se a Igreja de Jesus, configurada pelo Espírito que gera o amor, a solidariedade, é sacramento de salvação para o mundo, ela somente será enxergada, em sua sacramentalidade, se estiver do lado da vida ameaçada, dos mais vulneráveis, daqueles que carecem de promoção integral. Nesse sentido, não seria exagero dizer que a vulnerabilidade pós-moderna é o lugar, por excelência, da presença da Igreja de Jesus. E se nas feridas da humanidade ela não estiver presente, perderá sua visibilidade sacramental, ainda que tente sobreviver da demasiada exposição midiática e litúrgica.

Quando São Paulo se encontrou com os Apóstolos, escutou esse critério de autenticidade da evangelização, ou seja, não esquecer-se dos pobres (Gl 2, 10). O Evangelho de Mateus, na passagem do juízo final, coloca a caridade para com os pequeninos como critério de salvação (Mt 25). Por isso, para a Igreja, “a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica” (EG, n. 198). Diante da crise antropológica que a nova idolatria do dinheiro vem causando, jogando milhões de pessoas na miséria, numa exclusão existencial e geográfica, comunicar o Evangelho nas periferias não se faz com presença esporádica. É necessário dispor das melhores forças humanas e financeiras.

## Concluindo: pistas de ação

Nos tempos atuais, as cidades se impõem como realidade social. Nelas estão presentes as vilas, as favelas, os bairros mais afastados. Os projetos pastorais de cada (Arqui) Diocese devem focar essas periferias como prioridade. Não basta apenas serem lembradas como realidades secundárias. É necessário envolver forças para que se crie uma cultura pastoral comprometida com essas realidades que, geralmente, são as mais desprovidas, em todos os sentidos. A marginalização religiosa e pastoral, quando ocorre, é a exclusão que, além de ser anti-evangélica, é a que mais fere. Em muitos casos, a Igreja é o último colo que resta aos que não têm amparo na vida. Por isso, não bastam atitudes isoladas. As vilas, favelas, aglomerados exigem estruturas missionárias flexíveis, implicando forças humanas, recursos financeiros, movimentos concretos de inserção dos bispos, padres, religiosos, diáconos, seminaristas e leigos no meio da gente sofrida. Tudo isso sem a preocupação com formação de grandes estruturas, vindas de fora. O povo é o melhor agente transformador de si mesmo, quando acompanhado por quem tem um pouco mais de recurso na vida.

A presença da Igreja nas vilas e favelas se dará de forma humilde e amigável. Um colo materno que ampara e anima. Sem pretensões de terem consigo as soluções, os evangelizadores devem ser muito mais instrumentos de atração do que donos da verdade. De fato, a melhor forma de evangelizar é promover outros discípulos de Jesus para que ergam sua própria comunidade e sejam instrumentos também de evangelização. Nesse sentido, o ano do laicato lembra a dignidade eclesial de todo batizado. Não se cria processos sustentáveis de presença da Igreja, nas periferias, sem a formação de grupos de leigos que assumam a missão em sua própria comunidade. Na Arquidiocese de Belo Horizonte, um bom número de redes de comunidades nas favelas, com presença de padres, diáconos permanentes, membros da Vida Religiosa Consagrada. Além disso, a contínua formação de ministros da palavra reforça processos de evangelização, a partir dos leigos, nas vilas e favelas.

Promover Pontos de Encontros nas periferias terá como consequência a formação de outros agentes que se achegarão e começarão a fazer caminho. Esses Pontos de Encontros reforçarão aquilo que muito já se vive nas periferias, uma cultura da amizade e do encontro; lugares nos quais a pessoa possa se sentir acolhida. O Vicariato Episcopal para Ação Missionária nas vilas e favelas, criado recentemente

na Arquidiocese de Belo Horizonte, além de reforçar a animação das paróquias, comunidades já presentes nesses contextos, dialoga com todas as instâncias eclesiais e sociais, buscando reforçar a presença da Igreja nas inúmeras periferias. Não para aumentar a estatística dos católicos, mas para promover uma nova cultura na qual a genuína fé cristã está intimamente ligada à prática do amor aos mais pobres. Na complexidade das cidades contemporâneas, seria um avanço se a Igreja, em âmbito nacional, tivesse uma organização específica para promover a evangelização nas vilas e favelas.

### Questões para o debate

1. Como pensar a missionariedade eclesial a partir da mobilidade social, ponto marcante das cidades e, sobretudo, das vilas e favelas?
2. Quais as experiências, os métodos, merecem ser compartilhados sobre evangelização nas periferias das cidades?
3. Comentar: a vulnerabilidade pós-moderna das vilas e favelas é lugar eclesial prioritário.

### Bibliografia

- FERREIRA, V.P. Vulnerabilidade pós-moderna e cristianismo. Aparecida: Editora Santuário, 2017.
- FRANÇA MIRANDA, Mario de. A reforma de Francisco. São Paulo: Paulinas, 2017.
- FRANCISCO. Evangelii Gaudium. Torino: São Paulo, 2013.
- DOCUMENTO DE APARECIDA. Brasília: Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.
- SISTACH, Cardeal Lluís Martínez (Org.). A pastoral das grandes cidades. Brasília: CNBB, 2016.

# VOCAÇÃO E MOTIVAÇÃO NA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA E PRESBITERAL

PE. ELISMAR ALVES DOS SANTOS, C.Ss.R.<sup>1</sup>

## Introdução

O artigo objetiva mostrar que, no decorrer da existência de um/a religioso/a e de um presbítero, é importante refletir diariamente sobre o sentido da vocação e da motivação. Para discutir o tema proposto, o artigo percorre um itinerário pedagógico pautado em cinco tópicos. O primeiro, *teologia da vocação*, sublinha que é sempre aconselhável resgatar o significado da teologia ao que concerne à Vida Religiosa Consagrada (VRC) e Presbiteral. O segundo tópico, *psicologia da vocação*, discute acerca do sentido da psicologia na vida de um/a religioso/a e de um presbítero. O terceiro tópico, por sua vez, *inconsistências psicológicas*, mostra que as inconsistências são realidades humanas que nem sempre estão de acordo com os valores vocacionais. Já o quarto tópico, *psicologia da motivação*, procura saber o que a psicologia ensina sobre motivação. E, por último, o quinto tópico, *teologia da motivação*, explica que a VRC e Presbiteral precisam estar ancoradas ao menos em dois fundamentos bíblico-teológicos: “prisioneiros no Senhor” (Ef 4, 1-5) e “permanecer em Cristo” (Jo 15, 4-10; 1Jo 3, 24).

---

<sup>1</sup> Pe. Elismar Alves dos Santos, C.Ss.R., é graduado em Filosofia, Teologia e Psicologia. Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Teologia Moral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE – Belo Horizonte. Professor de Teologia e Psicologia no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG) e na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). E-mail: elismar01@yahoo.com.br.

O artigo não tem como pretensão desenvolver uma profunda reflexão sobre a teologia da vocação. Apenas oferecer algumas pistas no que se refere ao papel da teologia da vocação na VRC e Presbiteral. Para a teologia da vocação, “no conceito de vocação, o que aparece em primeiro lugar é o ato de chamar, o chamado”<sup>2</sup>. E na perspectiva da antropologia cristã “optar livremente pelo chamado é abrir-se ao diálogo temporal e eterno com o Criador que nos fez para ele livremente”<sup>3</sup>. A vocação, nessas circunstâncias, não se trata de algo criado ou inventado pelo ser humano, mas é Deus quem chama. Por isso acreditamos que, na reflexão da teologia da vocação, é aconselhável seguir ao menos três dimensões temáticas.

A primeira dimensão temática se preocupa com o estudo da *teologia*. Quais suas principais coordenadas ao longo dos séculos? “A teologia, no fundo, se resume em transpor para a linguagem a experiência da fé, como acolhida da revelação”<sup>4</sup>. Cabe à teologia estudar o significado teológico da Revelação<sup>5</sup>. A que registro pertence? Qual o seu sentido para o homem de hoje?<sup>6</sup> E qual seria, propriamente, o significado da Revelação<sup>7</sup> para a VRC e Presbiteral? “Aproouve a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade (cf. Ef 1,9), pelo qual os homens, por intermédio do Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo, têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2 Pd 1, 4)”<sup>8</sup>. A teologia como atividade da fé indica ao/à religioso/a e ao presbítero o sentido daquilo em que se crê.

A segunda se volta para a reflexão da *antropologia teológica*. “O adjetivo ‘teológica’ trata-se do que o homem é em sua relação com o Deus

2 OLIVEIRA, J.L.M. de. *Teologia da vocação: temas fundamentais*. São Paulo: Loyola, 1999, p.19.

3 BAQUERO, V. *Tenho vocação? orientações metodológicas*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 16.

4 LIBANIO, J.B., MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 73. “Teologia tem a ver com ‘logia’, com palavra, com saber, com ciência. Coloca-se Deus em discurso humano. Etimologicamente, significa um ‘discurso’, um saber, uma palavra, uma ciência de ou sobre Deus”. (p. 63).

5 Cf. LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994.

6 Cf. THEOBALD, CH. *A revelação*. São Paulo: Loyola, 2006.

7 Cf. FORTE, B. *A escuta do outro: filosofia e revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003.

8 CONCÍLIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. In: Compendio do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1995, n.2.

Uno e Trino revelado em Cristo”<sup>9</sup>. A antropologia teológica tem a função de ser a parte da teologia que se destina a refletir sobre a pessoa humana, à luz do evento Cristo. É a partir do evento criacional de Deus, que continua a se fazer na pessoa e história humana, que se dá a evolução do ser humano plenificado, na autocomunicação realizada pela Encarnação do Verbo.

E, finalmente, a terceira dimensão temática se ocupa da reflexão *teológica da vocação*. O que se entende por vocação à luz da teologia? A dimensão vocacional, em sua especificidade, enquanto chamado à VRC e Presbiteral, precisa levar em consideração uma dupla realidade: o *chamado* (Deus), e a *resposta* (ser humano). Daí que, para melhor refletir acerca do dinamismo vocacional e espiritual na condição humana, finalidade da teologia da vocação, faz-se necessário o percurso das duas primeiras dimensões temáticas: a compreensão da *teologia* e o significado da *antropologia teológica*. A teologia da vocação, portanto, visa percorrer um caminho teológico e espiritual sobre o sentido do chamado de Deus.

## 2. Psicologia da vocação

É de conhecimento que religiosos/as e presbíteros, em algumas situações específicas, carregam em suas estruturas de personalidades conflitos psíquicos, como veremos mais adiante. Entretanto, há uma resistência que demonstra a quase ausência da contribuição da psicologia na formação seminarística, religiosa e presbiteral<sup>10</sup>. Há, em alguns casos, pouco interesse também em relação à busca pelo acompanhamento da direção espiritual. “É preciso redescobrir a grande tradição do acompanhamento espiritual pessoal, que sempre deu tantos e tão preciosos frutos, na vida da Igreja: esse acompanhamento pode, em determinados casos e em condições bem precisas, ser ajudado, mas não substituído, por formas de análise ou de ajuda psicológica”<sup>11</sup>. Religiosos/as e presbíteros, ao longo da vida, passam pelo processo de amadurecimento psicológico e espiritual. Daí se percebe a importância da psicologia e da direção espiritual como formas de ajudá-los/as a lidar com os desafios na esfera do amadurecimento humano. Esta seria, em relação à psicologia, a sua primeira contribuição.

9 LADARIA, L.F. *Introdução à antropologia teológica*. São Paulo: Loyola, 2007, p.11.

10 Cf. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA: *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*. São Paulo: Paulinas, 2008.

11 JOÃO PAULO II, Papa. *Sobre a formação dos sacerdotes: Exortação Apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis*. São Paulo: Paulinas, 2012, n.40.

No itinerário vocacional de um/a religioso/a e de um presbítero, como já ressaltado, há sempre duas vontades: a de *Deus* e a do *ser humano*. Como lidar com essas duas polaridades? Percebe-se, assim, que o processo de autoconhecimento quando realizado com responsabilidade e humildade na vida de um/a religioso/a e de um presbítero tende a contribuir com o processo de desenvolvimento psicológico e espiritual. “O ser humano necessita alcançar sua evolução psicológica, seu desenvolvimento harmonioso e sua integração num inter-relacionamento total, o que significa dizer alcançar o equilíbrio interior”<sup>12</sup>. Um segundo aspecto quanto ao papel da psicologia na VRC e presbiteral, consiste, pois, em concebê-la como ciência que se preocupa com a dimensão do autoconhecimento/desenvolvimento biológico, psicológico, social e espiritual.

O favorecimento ao encorajamento é um terceiro exemplo em relação à finalidade da psicologia na dimensão vocacional. “Para podermos decidir a adesão ao chamado divino, precisamos de uma certeza absoluta que elimine toda dúvida e acabe com a impertinente pergunta: ‘Será que tenho vocação?’ Pela revelação, temos certeza absoluta da fé de que Deus nos chama à vida de perfeição. Deus me chama a viver como ele me fez”<sup>13</sup>. Às vezes, a dúvida vocacional pode estar associada a fatores mais psicológicos do que teológicos. Em alguns casos, buscase a certeza absoluta do chamado onde não é possível encontrá-la.

A quarta contribuição da psicologia no âmbito da vocação seria o de proporcionar aos/às religiosos/as e aos presbíteros a centralidade do *Self* como a primeira questão básica em vista do amadurecimento vocacional. O que significa, nesse contexto, sentir-se como *Self*? “A experiência de nossa própria personalidade é a convicção básica de que todos começamos como seres psicológicos”<sup>14</sup>. Em outras palavras: “O ‘*Self*’ é para aspirar autonomia, para esforçar-se para alcançar satisfação pessoal em sua vida na terra, para interpretar sua realidade e destino como uma questão de responsabilidade individual, enfim, encontrar significado na existência moldando sua vida através de escolhas”<sup>15</sup>.

A psicologia da vocação visa oferecer, entre outras possibilidades, os elementos básicos para que religioso/as e presbíteros possam dialogar com seus próprios sentimentos em vista do crescimento, sobretudo,

12 NOVELLO, F. P. *Um mergulho em si*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 102. (Coleção: Psicologia e você).

13 BAQUERO, V. *Tenho vocação?*, p.12.

14 MAY, R. *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.74.

15 ROSE, N. Psicologia como uma ciência social. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v.20, n.2, p.162, 2008.



psicológico e espiritual. Porém, é necessário levar em consideração que “de modo geral a psicologia não opina sobre a validade das motivações [vocacionais], mas sobre sua autenticidade”<sup>16</sup>. Não cabe à psicologia decidir se um/a religioso/a ou um presbítero tem ou não vocação, mas oferecer as condições para que a própria pessoa possa fazer seu processo de discernimento vocacional. Não é do escopo da psicologia se pronunciar acerca da validade das motivações vocacionais, mas auxiliar no modo de abordar e compreender se esta vocação tem o mínimo necessário de autenticidade e consistência.

### 3. Inconsistências psicológicas

É preciso que o/a religioso/a e o presbítero sintam-se libertos das tramas psíquicas que, muitas vezes, os aprisionam. Entretanto, “há em mim comportamentos que não se devem a deficiências psicopatológicas, nem à falta de ideais ou de generosidade, mas que são devidos ao fato de que eu sou perfectível, isto é, nem perfeito nem imperfeito, nem pecador impenitente nem santo para se venerar”<sup>17</sup>. As inconsistências psicológicas nem sempre se referem a deficiências psicopatológicas, pois “a descoberta dessas inconsistências não nos leva então ao desespero; não se trata de deixar-se levar ao pânico, de bater no peito ou confessar-se sem parar; trata-se de aceitar a si mesmo de maneira realista: caminho segundo o Espírito, mas há em mim desejos opostos ao Espírito”<sup>18</sup>. Porém, “as inconsistências só podem ser trazidas à consciência com a ajuda de instrumentos psicológicos profissionais, como certos tipos de psicoterapia”<sup>19</sup>. Dessa forma, “é preciso estudar a relação entre as consistências e as inconsistências, isto é, entre as partes integradas e as partes instáveis do eu. Não basta ver a fraqueza do homem, é preciso também ver quais e quantos são seus pontos fortes. E é aqui que os valores voltam a assumir importância”<sup>20</sup>.

As inconsistências acontecem quando a pessoa não é motivada em seu agir tanto em nível consciente quanto subconsciente por necessidades que não estão de acordo com os valores vocacionais e, justamente por isso, devem ser reconhecidas por meio do discernimento. Caso contrário, aparecem os obstáculos para a internalização dos valores.

16 MEDONÇA, C. B.A., OLIVEIRA, J.L.M. de. *Antropologia da formação inicial do presbítero*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 104-105.

17 MANENTI, A. *Vocação, psicologia e graça*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 53.

18 MANENTI, A. *Vocação, psicologia e graça*, p.54.

19 MANENTI, A. *Vocação, psicologia e graça*, p. 55.

20 MANENTI, A. *Vocação, psicologia e graça*, p. 55.

O principal empecilho são os mecanismos de defesa, uma vez que o “eu” passa a ter como único objetivo defender-se de si mesmo, como também dos ataques externos. Nessa perspectiva, tudo acontece a partir da distorção da realidade. Por isso, a psicologia, atualmente, fala de dois tipos de *consistência* e de dois modos de *inconsistência*: *consistência social*; *consistência psicológica*; *inconsistência psicológica* e *inconsistência social*. Vejamos como identificar a particularidade de cada uma delas.

A *consistência social* “é dita ‘social’ porque favorece a adaptação tanto interior como exterior do vocacionado às situações em que vive e que têm a ver com a opção que deseja fazer ou que já fez. Na consistência social, há um predomínio de combinações que levam à integração da personalidade”<sup>21</sup>. A consistência social mostra que é no social que o/a religioso/a e o presbítero experimentam as situações que vêm ao encontro de sua existência, cujo confronto torna-se inevitável com a opção que procuraram fazer ao longo da vida. Entende-se por adaptação interior a forma como religiosos/as e presbíteros, no contexto diário da vida, vão se adaptar a partir da realidade social da qual fazem parte. A adaptação exterior, por sua vez, são as relações que vão se estabelecendo no decorrer desse constante processo vocacional. É no social, portanto, que emergem as situações e fatores responsáveis pela integração e formação da personalidade.

A *consistência psicológica* “é a harmonia ou a consonância entre valor e necessidade, mesmo quando ainda não existem atitudes correspondentes. É chamada de ‘psicológica’ porque diz respeito a um acordo de princípio entre componentes do eu ideal e do eu atual no interior do indivíduo e nas estruturas do seu eu”<sup>22</sup>. A consistência psicológica é responsável por estabelecer a harmonia entre valor e necessidade. Espera-se que o/a religioso/a e o presbítero vão aos poucos distinguindo o que é valor do que é mera necessidade ou satisfação pessoal. Por isso se fala que existe um “eu” *ideal* que nem sempre condiz com o “eu” *atual*. Pelo fato de a pessoa estar sempre em processo de desenvolvimento, pode ocorrer o descompasso entre o “eu” *ideal* e o “eu” *atual*.

A *inconsistência psicológica* “é a desarmonia ou desacordo entre o valor e a necessidade, mesmo quando se registra a presença de atitudes conformes com o valor. É chamada de inconsistência ‘psicológica’ porque a atitude é apenas aparente e tem um custo muito alto para o

<sup>21</sup> MEDONÇA, C. B.A., OLIVEIRA, J.L.M. de. *Antropologia da formação inicial do presbítero*, p. 116.

<sup>22</sup> MEDONÇA, C. B.A., OLIVEIRA, J.L.M. de. *Antropologia da formação inicial do presbítero*, p. 116.

equilíbrio interno da pessoa”<sup>23</sup>. A inconsistência psicológica será melhor compreendida a partir da explicação da inconsistência social, por esta mostrar a desarmonia entre valor, necessidade e atitude. Porém, a inconsistência psicológica no âmbito da vocação religiosa ou presbiteral indica que há, geralmente, através das atitudes, um modo apenas aparente da vivência da vocação. E isso pode causar dano à pessoa, como, por exemplo, o sofrimento psíquico.

A *inconsistência social* “é a existência de desarmonia entre o valor, a necessidade e as atitudes, uma vez que a pessoa permanece refém de uma necessidade dissonante. Aqui cabe dizer que um seminarista [o que vale certamente para um/a religioso/a e um presbítero] pode viver muito bem no seminário [ou na VRC e Presbiteral], mas, ao mesmo tempo, permanecer completamente estranho ao que ele se propõe”<sup>24</sup>. A *inconsistência social* corresponde à desarmonia ou ao desencontro entre valor, necessidade e atitude. Valor, nesse contexto, corresponde ao modo de acolher e viver a própria vocação. Seria a busca dessa vivência a partir da ótica do valor que tem a vocação para a VRC e Presbiteral. Já a necessidade pode ser entendida como forma de conceber a vocação não propriamente como valor, mas na condição de uma necessidade a ser saciada, entretanto, sem as convicções necessárias que se exigem ao longo da vida. A pessoa, por sua vez, pode estar na VRC ou Presbiteral e ter atitudes opostas ao que propõe a si mesma devido à realidade dissonante em sua estrutura de personalidade. Na prática, valor, necessidade e atitude tornam-se paradoxais, pois, mesmo quando há sinais pautados em valores, pode ocorrer que haja a busca da mera necessidade compreendida como satisfação pessoal. Em decorrência dessa ambivalência entre valor, necessidade e atitude, o/a já religioso/a e o presbítero estão sujeitos a viver uma espécie de desgaste psicológico.

#### 4. Psicologia da motivação

A palavra *motivação* tem origem no latim e é composta desta forma: *motivus* = *movimento* + *ation* = processo ou condição. Motivação vem da palavra “móbil” que significa mover e “ações” que significa ação. A palavra *motivação* indica o processo pelo qual um conjunto de razões

<sup>23</sup> MEDONÇA, C. B.A., OLIVEIRA, J.L.M. de. *Antropologia da formação inicial do presbítero*, p. 116.

<sup>24</sup> MEDONÇA, C. B.A., OLIVEIRA, J.L.M. de. *Antropologia da formação inicial do presbítero*, p. 117.

ou motivos explica, induz, incentiva, estimula ou provoca algum tipo de ação ou comportamento humano. Assim, motivação pode ser definida como um motivo que leva à ação. É tudo aquilo que desperta na pessoa o desejo em desempenhar um determinado comportamento.

Vejamos algumas definições de motivação. “É uma força que se encontra no interior de cada pessoa e que pode estar ligada ao desejo”<sup>25</sup>. Ou ainda: “por motivação entende-se ao mesmo tempo a direção e amplitude das condutas. A motivação pode e deve ser considerada como uma força propulsora que tem suas fontes frequentemente escondidas dentro de cada um. Trata-se, portanto, de uma fonte de ‘energia’ que impele o indivíduo à ação”<sup>26</sup>.

Mas, o que é motivação? O que é emoção? A motivação é um desejo? Um sentimento? Um modo de pensar? Um sentimento de esforço? Uma necessidade, ou um conjunto de necessidades? Um processo, ou um conjunto de processos?<sup>27</sup> A motivação é importante por si só e torna-se ainda mais importante em função da sua capacidade de prenunciar certas manifestações da vida com que nos preocupamos bastante, como, por exemplo, a qualidade de nossos desempenhos e o nosso bem-estar. Pense por um momento: por que uma pessoa quer fazer exercícios físicos? De onde lhe vem motivação para isso? Terão as pessoas mais motivações para se exercitar em certas condições do que em outras? É possível fazer algo para aumentar a motivação de uma pessoa para se exercitar?<sup>28</sup>

Já a *emoção*, por sua vez, significa “estado complexo do organismo caracterizado por uma perturbação que pode ser forte. Implica uma avaliação da situação para dispor-se à ação. A duração de uma emoção pode ser de alguns segundos a várias horas”<sup>29</sup>. E mais precisamente ainda: “as emoções são respostas organizadas para além da fronteira dos sistemas psicológicos, incluindo o fisiológico, cognitivo, motivacional e o sistema experiencial”<sup>30</sup>. A observação do comportamento das pessoas permite inferir que tipo de emoção elas estão experimentando. Aspectos, tais como linguagem corporal, facial e tom de voz não são facilmente controláveis, e permitem verificar o que ocorre com o indivíduo. A emoção tem um componente cognitivo que pode ser detectado por meio da linguagem e por meio de reações involuntárias,

25 BERGAMINI, C.W. *Motivação nas organizações*. São Paulo: Atlas, 2008, p. 106.

26 BERGAMINI, C.W. *Motivação nas organizações*, p.108.

27 Cf. REEVE, J. *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: LTC, 2015, p.1.

28 Cf. REEVE, J. *Motivação e emoção*, p.2.

29 ALZINA, R. B. *Educación emocional y bienestar*. Barcelona: CISSPRAXIS, 2000, p. 67.

30 GÓMEZ-CHACÓN, I. M. *Matemática emocional: los afectos en el aprendizaje matemático*. Madrid: Narcea, 2000, p.25.

como tremores, taquicardia, suor, respiração, pressão sanguínea, etc.; e por reações voluntárias como expressões faciais e verbais, comportamentos, ações, tom de voz, volume<sup>31</sup>.

Uma breve síntese sobre *motivação* e *emoção* sugere o seguinte: motivação “refere-se aos processos que dão ao comportamento sua energia e sua direção”<sup>32</sup>. E *emoção*, por seu turno, trata-se de um “fenômeno subjetivo, fisiológico, funcional, expressivo e de vida curta, que orquestra a maneira como reagimos adaptativamente aos eventos importantes de nossa vida”<sup>33</sup>. Porém, há, ainda, duas permanentes questões que intrigam os psicólogos no estudo da motivação. O que causa o comportamento? Por que o comportamento varia de intensidade? A primeira questão fundamental da motivação é: *o que causa o comportamento?* Ou, dito de outra maneira, *por que essa pessoa fez isso?* Observamos o comportamento das pessoas, mas não podemos enxergar a causa ou causas subjacentes de tal comportamento<sup>34</sup>.

Por isso há cinco perguntas específicas que nos orientam diante do que temos afirmado no que tange especificamente ao comportamento relacionado à motivação: 1. Por que o comportamento se inicia? 2. Uma vez começado, por que o comportamento se mantém no tempo? 3. Por que o comportamento se direciona para algumas metas, ao mesmo tempo que se afasta de outras? 4. Por que o comportamento muda de direção? 5. Por que o comportamento cessa?<sup>35</sup> Talvez as cinco perguntas poderiam ser resumidas em uma única pergunta: *por que o comportamento varia de intensidade?* Uma outra maneira de fazer essa mesma pergunta seria: *por que, às vezes, o comportamento diminui paulatinamente até desaparecer por completo?*

É importante observar o seguinte: em uma mesma pessoa, a motivação varia com o tempo. E, quando varia, o comportamento também se altera, pois a pessoa pode fazer um esforço maior ou menor, e sua persistência pode se mostrar mais forte ou mais frágil. Por que uma mesma pessoa, em um determinado momento, aparenta uma motivação forte e persistente, enquanto em outro fica apática? E por que um trabalhador teve um bom desempenho na segunda-feira, mas não na terça?<sup>36</sup> Certamente, são perguntas que necessitam ser explicadas.

31 Cf. ARAÚJO, J. *Afectividad y demostración geométrica en la formación inicial de profesores de matemática*. Tese Doutoral. Barcelona, 2004.

32 REEVE, J. *Motivação e emoção*, p. 24.

33 REEVE, J. *Motivação e emoção*, p.25.

34 Cf. REEVE, J. *Motivação e emoção*, p.2.

35 Cf. REEVE, J. *Motivação e emoção*, p. 2.

36 Cf. REEVE, J. *Motivação e emoção*, p. 3.

## 5. Teologia da motivação

A exortação do Apóstolo Paulo aos cristãos de seu tempo ressoa como um convite à reflexão da teologia da motivação vocacional. Primeiramente, o que precisa motivar a vida de um/a religioso/a e de um presbítero é a capacidade de sentir que são “prisioneiros no Senhor”.

Exorto-vos, pois, eu, *prisioneiro no Senhor*, a andardes de modo digno da vocação a que fostes chamados: com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há *um* só Corpo e *um* só Espírito, assim como é *uma* só a esperança da vocação a que fostes chamados; há *um* só Senhor, *uma* só fé, *um* só batismo; há *um* só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, por meio de todos e em todos (Ef 4,1-5).

Cabe, assim, aos/às religiosos/as e aos presbíteros sentirem-se *aprisionados* conjuntamente no Senhor. Não perder de vista a exigência da *humildade*. Ser capazes de *suportar* uns aos outros na convivência devido ao amor. Lembrar sempre que o Espírito zela pelo vínculo da *unidade*. Há um só *Corpo* e *espírito*, como também uma só *esperança* no que se refere à vocação recebida. Há um só Senhor e uma só *fé*, um só *batismo*, um só Deus e Pai que age em todos, sem distinção. O desafio lançado aos/às religiosos/as e aos presbíteros, consiste, pois, em permanecerem ao longo da vida *prisioneiros no Senhor*. É preciso, então, recordar sempre à luz da fé que “tudo é vosso; mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus” (1Cor 3,22-23). Significa que aVRC e Presbiteral jamais podem esquecer que seus membros são “santificados na verdade” (Jo 17,19).

Em segundo, a motivação para um/a religioso/a e um presbítero está no desejo de “permanecer em Cristo”. “Permanecei em mim, como eu em vós” (Jo 15,4); “aquele que permanecer em mim e eu nele...” (Jo 15,5); “se vós permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós...” (Jo 15,7); “quem conserva os meus mandamentos, permanece em Deus e Deus permanece nele” (1Jo 3,24); “sua semente permanece nele” (1Jo 3,9); “se vós guardais os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, assim como também eu permaneço no amor de meu Pai, pois guardei seus mandamentos” (Jo 15,10).

“Permanecer”, enquanto fé, enquanto acolhimento em contínua gratidão, enquanto estarrecida contemplação da superabundância do dom divino, enquanto busca da compreensão daquilo que for possível

de todas as coisas: esse *permanecer*, especificamente, para religiosos/as e presbíteros, não é apenas o estímulo constante à ação, mas também a sua justa regulamentação<sup>37</sup>. “Sem o ‘permanecer’, a ação se tornaria – segundo a contemplação do dom de Deus a partir da fé – uma atitude precipitada e nervosa de ‘transformação do mundo’, em uma tentativa de dar uma resposta adequada ao sacrifício de Deus”<sup>38</sup>. O “permanecer” pode ser extenuante, é acompanhado de uma serenidade e uma paz que constituem o sinal da proximidade de Deus. “Permanecer” na origem pressupõe o primado do receber diante do responder e do transmitir, o que, “em uma perspectiva cristã, significa a primazia do *Logos* sobre o *Éthos*. O acolhimento preferencial do *Logos* divino (que revela, de modo decisivo, o seu amor pelo mundo) garante a primazia da unidade da fé diante da diversidade da ação, conferindo a esta última aquela unidade que a tudo aglutina”<sup>39</sup>.

Desse modo, “prisioneiros no Senhor” e “permanecer em Cristo” são dois fundamentos bíblicos e teológicos que dão sentido motivacional à VRC e Presbiteral. E para quê? Talvez ao menos para melhor lidar com duas realidades antropológicas que perpassam a dimensão existencial, espiritual e psicológica da VRC e Presbiteral: o *pecado* e o *sofrimento espiritual*.

No que se refere ao *pecado*, “vós não estais na carne, mas no espírito, se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós, pois quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a ele” (Rm 8, 9). Comportar-se, portanto, de acordo com as coordenadas da “carne” equivale, para Paulo, a agir segundo o pecado. E o pecado tem o poder de escravizar o ser humano. No sentido de deixá-lo prisioneiro do desejo e da vida fantasiosa. O pecado seduz. Oferece somente alegria e realização. Agir, assim, entre outras coisas, seria permitir que a “carne” seja mais forte do que o “Espírito”. Porém, religiosos/as e presbíteros precisam acreditar não na força da “carne”, mas, sobretudo, na força do “Espírito”. Eis aí uma verdade que só pode ser compreendida à luz da fé. A realidade antropológica do pecado revela que somos muitas vezes seduzidos pelas inclinações, isto é, pelos sentimentos inclinantes capazes de dominar a vontade que age em nós. “O pecado é uma falta contra a razão, a verdade, a consciência reta; é uma falta ao amor verdadeiro para com Deus e para com o próximo, por causa de um apego perverso a certos bens. Fere

37 Cf. BALTHASAR, H.U.von. *A verdade é sinfônica: aspectos do pluralismo cristão*. São Paulo: Paulus, 2016, p.93

38 BALTHASAR, H.U.von. *A verdade é sinfônica*, p. 93-94.

39 BALTHASAR, H.U.von. *A verdade é sinfônica*, p.94.



a natureza do homem e ofende a solidariedade humana. Foi definido como ‘uma palavra, um ato ou um desejo contrários à lei eterna’<sup>40</sup>. É preciso, então, permitir que o Espírito de Cristo aja em nós. Só assim seremos capazes de deixar que o “Espírito” se sobreponha à “carne”.

Em relação ao *sofrimento espiritual*, “amados, não vos alarmeis com o incêndio que lavra entre vós, para a vossa provação, como se algo de estranho vos acontecesse; antes, à medida que participais dos *sofrimentos* de Cristo, alegrai-vos, para que também na revelação da sua glória possais ter alegria transbordante” (1Pd 4, 12). Há também este outro ensinamento: “meus irmãos, tende por motivo de grande alegria o fato de serdes submetidos a múltiplas provações” (Tg 1,2). O primeiro texto, da primeira epístola de Pedro, motiva a passagem pelo “fogo” como um sofrer com Cristo que nos fará participar (na Parúsia da sua glória, em alegria e júbilo, mas aponta em seguida para a atitude no sofrimento, que estabelece – em uma identificação íntima com aquela atitude de Cristo – a transição entre sofrimento e alegria<sup>41</sup>: “assim, aqueles que *sofrem* segundo a vontade de Deus confiam as suas almas ao fiel Criador, dedicando-se à prática do bem” (1 Pd 4, 19). A epístola de Tiago, por sua vez, também aponta para a mesma direção, ao afirmar que a “fé autêntica” produz a paciência no sofrimento<sup>42</sup>. Certamente, há motivos que contribuem para com a realidade do sofrimento<sup>43</sup> na existência humana como também na VRC e Presbiteral. “Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança, a perseverança a virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança” (Rm 5, 3-4). Em outras palavras: “penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós” (Rm 8,18).

É possível, assim, pensar ao menos em dois aspectos práticos para a VRC e Presbiteral à luz dos dois fundamentos bíblico-teológicos discutidos na teologia da motivação. Os dois conceitos sugerem que, em vista da missão à qual visa produzir frutos em favor das pessoas, a VRC e Presbiteral precisam estar *vinculadas* em Cristo e *permanecer*

40 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2004, n.1849.

41 Cf. BALTHASAR, H.U.von. *A verdade é sinfônica*, p. 131.

42 Cf. BALTHASAR, H.U.von. *A verdade é sinfônica*, p. 131.

43 Cf. JOÃO PAULO II, Papa. *O sentido cristão do sofrimento humano*: Carta Apostólica “Salvifici Doloris”. São Paulo: Paulinas, 2011. “Pode-se dizer que o homem sofre quando ele *experimenta um mal qualquer*. A relação entre sofrimento e mal, no vocabulário do Antigo Testamento, é posta em evidência como identidade. Com efeito, este vocabulário não possuía uma palavra específica para designar o ‘sofrimento’; por isso, definia como ‘mal’ tudo aquilo que era sofrimento” (n.7).



em Cristo. Significa que não seria prudente separar ministério e existência, pois “esse Redentor, Jesus Cristo, é a própria identidade entre ministério e existência, a personificação da missão: a Palavra do Pai enquanto Filho, e o Filho do Pai enquanto sua Palavra”<sup>44</sup>.

## Considerações finais

O artigo demonstrou que a teologia precisa fazer parte da VRC e Presbiteral. Significa que a vocação como chamado de Deus exige não perder de vista o sentido teológico da vocação. Também foi destacada, mais especificamente, a contribuição da antropologia teológica como modo de articular a relação do ser humano com Deus. A teologia, certamente, favorece ao/a religioso/a e ao presbítero refletir sobre sua fé.

Já a psicologia voltada para a dimensão da vocação tende a contribuir com a VRC e presbiteral ao menos em quatro aspectos: amadurecimento humano; autoconhecimento/desenvolvimento; encorajamento e centralidade do *Self*. Oferece condições para se perceber a autenticidade vocacional na estrutura de personalidade de uma pessoa. É preciso, assim, fazer uso tanto da psicologia como da direção espiritual para melhor lidar com as consistências e as inconsistências psicológicas no universo da vocação. No estudo da motivação, a psicologia procura saber o que dá sentido ao ser humano. Motivação trata-se de uma força que age dentro de cada pessoa. Porém, é preciso levar em consideração que há variáveis externas que favorecem ou desfavorecem a motivação numa pessoa. Por isso, nem sempre o mesmo princípio motivador, exceto Cristo, pode ser aplicado a todos os/as religiosos/as e presbíteros.

No que se refere à VRC e Presbiteral, a teologia da motivação precisa estar fundamentada ao menos em dois conceitos bíblico-teológicos: “prisioneiros no Senhor” (Ef 4, 1-5) e “permanecer em Cristo” (Jo 15, 4-10; 1Jo 3, 24). O que motiva a vocação de um/a religioso/a ou de um presbítero é Cristo. Os dois conceitos lembram que Cristo é maior que o pecado e o sofrimento espiritual. A VRC e Presbiteral necessitam produzir frutos na missão que realiza. Para isso, é preciso que seus membros sintam-se vinculados a Cristo, pois “os cristãos esperam encontrar no sacerdote [no religioso e numa religiosa], não só um homem [ou uma mulher] que os acolhe, que escuta com todo o gosto e lhe testemunha uma sincera simpatia, mas também e sobretudo um homem [ou uma mulher] que *os ajuda a ver Deus*, a subir em direção a ele”<sup>45</sup>.

44 BALTHASAR, H.U.von. *A verdade é sinfônica*, p.111.

45 JOÃO PAULO II, Papa. *Sobre a formação dos sacerdotes*, n.47.

Concluimos com essa oração:

Recebe, Senhor, nossos medos e transforma-os em confiança. Recebe, Senhor, nosso sofrimento e transforma-o em crescimento. Recebe, Senhor, nosso silêncio e transforma-o em adoração. Recebe, Senhor, nossas crises e transforma-as em maturidade. Recebe, Senhor, nossas lágrimas e transforma-as em oração. Recebe, Senhor, nossa ira e transforma-a em intimidade.

*Recebe, Senhor, nosso desânimo e transforma-o em fé.*

*Recebe, Senhor, nossa solidão e transforma-a em contemplação. Recebe, Senhor, nossas amarguras e transforma-as em paz da alma.*

*Recebe, Senhor, nossa espera e transforma-a em esperança. Recebe, Senhor, nossa morte e transforma-a em ressurreição<sup>46</sup>.*

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em grupo

1. O que chamou mais sua atenção no artigo?
2. Como você e sua comunidade pensam sobre o sentido da teologia para aVRC e Presbiteral ao que se refere à vocação?
3. Em sua comunidade, você percebe que há incentivo para a dimensão psicológica e teológica da motivação àVRC e Presbiteral?

<sup>46</sup> Cf. URIARTE, J.M. *A missão do presbítero: servir como pastor: chaves de espiritualidade sacerdotal*. Petrópolis:Vozes, 2013. p.46-47.

## Referências

- ALZINA, R. B. *Educación emocional y bienestar*. Barcelona: CISSPRAX-IS, 2000.
- ARAÚJO, J. *Afectividad y demostración geométrica em la formación inicial de profesores de matemática*. Tese Doutoral. Barcelona, 2004.
- BALTHASAR, H.U.von. *A verdade é sinfônica: aspectos do pluralismo cristão*. São Paulo: Paulus, 2016.
- BAQUERO, V. *Tenho vocação? orientações metodológicas*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- BERGAMINI, C.W. *Motivação nas organizações*. São Paulo: Atlas, 2008.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2004.
- CONCÍLIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. In: *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA: *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- FORTE, B. *À escuta do outro: filosofia e revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GÓMES-CHACÓN, I. M. *Matemática emocional: los afectos en el aprendizaje matemático*. Madrid: Narcea, 2000.
- JOÃO PAULO II, Papa. *O sentido cristão do sofrimento humano: Carta Apostólica “Salvifici Doloris”*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Sobre a formação dos sacerdotes: Exortação Apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- LADARIA, L.F. *Introdução à antropologia teológica*. São Paulo: Loyola, 2007.
- LATOURELLE, R. FISICHELLA, R. *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LIBANIO, J.B., MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 2007.
- MANENTI, A. *Vocação, psicologia e graça*. São Paulo: Loyola, 1991.
- MAY, R. *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

- MEDONÇA, C.B.A., OLIVEIRA, J.L.M. de. *Antropologia da formação inicial do presbítero*. São Paulo: Loyola, 2011.
- NOVELLO, F.P. *Um mergulho em si*. São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção: Psicologia e você).
- OLIVEIRA, J.L.M. de. *Teologia da vocação: temas fundamentais*. São Paulo: Loyola, 1999.
- REEVE, J. *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- ROSE, N. Psicologia como uma ciência social. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v.20, n.2, 2008, p.155-164.
- THEOBALD, CH. *A revelação*. São Paulo: Loyola, 2006.
- URIARTE, J.M. *A missão do presbítero: servir como pastor: chaves de espiritualidade sacerdotal*. Petrópolis: Vozes, 2013.